FACES DOS MORTOS-VIVOS

A HISTÓRIA DA ESPANTOSA HABILIDADE DE FRANK LEAH

PAUL MILLER

TRADUÇÃÔ: AMADEU ANTÒNIO

FACES DOS MORTOS-VIVOS

As histórias por detrás da espantosa arte psíquica de Frank Leah por Paul Miller, 1995

Índice

Introdução
1. Faces dos Mortos-Vivos
2. Prova em Nove Segundos
3. Dois Maridos Provam a Sua Sobrevivência a Uma Esposa
4. Cinco Anos de Espera pelo Reconhecimento
5. Pioneiro da Cremação
6. Evidência no Teatro Drury Lane
A Galeria de Fotografias
7. Médium Prova a Sua Sobrevivência
8. Coventry Patmore Regressa
9. Criança que Voltou
10. Dois Filhos Regressam à Mãe
11. Esta Verdade Está a Crescer

Introdução

É com o maior prazer que escrevo esta introdução à nova edição de *Faces of the Living Dead*, o relato detalhado de Paul Miller

sobre a obra de um médium único, que esteve fora de catálogo durante demasiado tempo.

Frank Leah foi, por qualquer padrão, o maior artista psíquico que este mundo viu. Jornalista, desenhador, artista e escultor de profissão, foi diretor de arte e cartoonista de cinco publicações de Dublin, tendo mais tarde ido trabalhar para Fleet Street, em Londres. Tornou-se um servo voluntarioso e devotado do Mundo Espiritual, à medida que os seus habitantes procuravam provar, através dos seus dons notáveis de mediunidade e arte, que tinham sobrevivido para além da mudança a que chamamos morte e que estavam muito vivos num novo ambiente tão real, senão mais, do que o nosso.

Leah detestava que se aplicasse a palavra "morto" aos seus visitantes espirituais, porque insistia que eles estavam vibrantes de vida. Não eram fantasmas que se assemelhassem à ideia convencional de espectros. Para ele, eram tão naturais e normais como as pessoas que encontrava na rua.

Aparecendo regularmente no *Psychic News* durante um período de cerca de quarenta anos, Frank Leah tornou-se também conhecido nas páginas de publicações convencionais. Não só fornecia a prova visual definitiva da sobrevivência, como frequentemente transmitia informações clarividentes e clariaudientes espantosamente precisas aos seus clientes enquanto desenhava. Era altamente probatório para esses clientes o facto de ele frequentemente assumir, em dolorosa replicação, as últimas experiências físicas daquelas pessoas espirituais que se apresentavam para serem retratadas. "Já morri mais de mil mortes", disse ele uma vez.

Por vezes, as características num retrato eram inicialmente negadas por um destinatário – até que este fazia alguma pesquisa. A fotografia de comparação produzida invariavelmente depois de Leah completar um retrato revelava frequentemente peculiaridades faciais há muito esquecidas. Os arquivos do *Psychic News* contêm dezenas de casos documentados onde, após essa pesquisa, foram descobertas

fotografias originais que atestavam a precisão do retrato espiritual, em alguns casos muito depois de Leah ter terminado o desenho.

Leia e desfrute da evidência surpreendente daquele que não deixou dúvidas aos seus clientes de que as pessoas espirituais estão muito vivas, como todos nós estaremos quando chegar a nossa hora de deixar esta terra. Vez após vez, pais identificaram os seus filhos, maridos e esposas identificaram os seus companheiros de muitas décadas nos retratos desenhados por Frank Leah. As fotografias de comparação fornecidas posteriormente por aqueles que tiveram a sorte de receber retratos espirituais de Leah dizem tudo. Não pode haver engano quanto às semelhanças extraordinárias inspiradas por aqueles no Mundo Espiritual que estavam determinados a trazer consolo àqueles de quem, por um breve período, estavam separados pela morte física.

Desde a minha primeira visão de uma cópia rara do livro de Paul Miller, tem sido meu objetivo acarinhado torná-lo novamente disponível ao público. Registo os meus agradecimentos a Ann Harrison da Saturday Night Press, cujos esforços na produção desta nova edição foram imensos. O seu entusiasmo por ver este testemunho extraordinário do poder do Espírito regressar ao seu lugar de direito nas livrarias do mundo igualou o meu. Os meus agradecimentos vão também para Magnus Smith do *Psychic News*, cuja perícia garantiu a clareza ótima das antigas fotografias que são fundamentais para este livro. Finalmente, agradeço ao doador anónimo que pôs o seu dinheiro onde estava a sua boca e tornou possível esta nova edição.

Susan Farrow
Editora, *Psychic News*
Stansted, Abril de 2010

1
Faces dos Vivos Mortos

"Se ao menos pudesse ver o seu rosto." Este é o grito do coração do enlutado desde o momento em que o corpo é sepultado até que o tempo desgaste o fio agudo da dor – ou até que o Espiritualismo responda ao grito e apareça em realidade a voz, o toque, a mensagem, ou o rosto dos vivos mortos. Isso aconteceu tantas vezes que chegou o momento de registar, de forma duradoura, alguns dos muitos casos de evidência que provam, para além de qualquer dúvida, que não só os "mortos" vivem para além da sepultura, mas que têm o poder, sob condições adequadas e com o tipo certo de médium, de posar para os seus retratos.

Infelizmente para os exércitos de enlutados em todo o mundo, existe apenas um médium treinado para desenhar ou pintar os "mortos". Esta é a sua história – Frank Leah, jornalista, artista e médium. Nasceu com o dom psíquico que agora emprega para o consolo dos enlutados. Muito antes de compreender o seu significado e propósito, tinha medo dele. Vê com o olho do Espírito de uma forma especial, pois todos temos algum grau de perceção. Na maioria de nós, está enterrada sob as preocupações do dia e deste mundo; noutros, o seu vislumbre é ignorado ou descartado como devaneios. Noutros ainda, como no caso de Leah, floresce como um dom artístico que é empregue para uma obra grandiosa e benéfica – o apaziguamento do medo, o acalmar da mente inquieta, o consolo do coração dolorido, e o acender da alegria da recordação do rosto do conhecido e do bem-amado.

Ora, um dom psíquico ou espiritual tem de ser treinado. Não é algo entregue ao médium e deixado sem cuidado. Quanto maior a habilidade técnica no médium, maior o serviço prestado, pois aqueles que do Outro Lado têm a cargo este trabalho podem então imprimir os seus pontos de evidência com maior habilidade e facilidade. Por detrás de cada desenho probatório, por detrás de cada pormenor impresso no papel, há uma história. Aqueles que, do Mundo Espiritual, guiam este médium-artista são tão versados no seu trabalho que não negligenciam nada que traga convicção – mas quando atingem esse ponto, não vão mais além. Isso é um facto. Leah deu centenas de exemplos disso.

Se assim o desejassem, não tenho dúvidas – devido à minha longa familiaridade com o poder daqueles que guiam os médiuns – que os operadores espirituais poderiam pintar quadros que rivalizariam com os melhores das nossas galerias de arte. Frequentemente são os grandes pintores e cantores, poetas e músicos, professores e reformadores, fazendo novamente o seu trabalho familiar a partir de outro lugar. É só isso, e moderam o seu poder de acordo com o seu propósito. Mostram noutra forma, uma forma que todos podem compreender, que não há morte, que o corpo perece e a alma vive, retendo memórias, afeições e o poder de mostrar peculiaridades faciais, sim, e até imperfeições, para fins probatórios.

As personalidades humanas calorosas estão sempre vivas; e como antigamente, gostam de consolar aqueles que amam e que deixaram para trás. Gostam de saber que conseguiram captar o olhar do artista, e que ele registou as suas semelhanças.

Nos primeiros dias do trabalho de Leah, recebia clientes, todos anonimamente, através de sociedades espiritualistas, e para sua satisfação usava uma lanterna vermelha para iluminar a sua prancheta e o papel enquanto trabalhava, sempre com o cliente o mais próximo possível dele.

Leah teve muitos tipos de clientes. Muitos não sabem nada sobre a Sobrevivência até virem a ele. Não lhe faria diferença se usasse uma lanterna vermelha ou uma luz elétrica, pois muitos dos desenhos são

feitos na sua mente – se não, de facto, no papel – antes de os clientes chegarem. Por vezes descreve os "mortos" ao telefone antes de o potencial cliente ter tempo de dar um nome e pedir uma consulta. Como poderia Leah saber quem lhe ia telefonar – a menos que o parente "morto" lhe tivesse dito? Alguns espíritos são desenhados à luz do dia; outros foram feitos no andar de cima de um autocarro de Londres.

Eis um exemplo de como ele trabalha. Recentemente, Leah estava de serviço noturno de A.R.P. e chegou a casa ao seu pequeno estúdio-apartamento em Londres, muito cansado, no final da manhã seguinte. Sentou-se com a intenção de descansar um pouco e esperar pelo correio da manhã antes de tomar banho. Não tinha intenção de adormecer na cadeira. Mas de repente adormeceu. Durante três minutos esteve dormindo.

Enquanto o seu corpo descansava, a sua mente estava viva, e viu um homem, vívido e claro, que contou a sua história, e disse que a sua filha ia telefonar para marcar uma consulta dentro de pouco tempo. Meia hora depois, houve uma chamada telefónica, e quando Leah atendeu, disse que sabia o que a chamada queria; que ela vinha na esperança de que o seu pai aparecesse para o seu retrato. Disse-lhe que seria feito; que o pai dela tinha estado no estúdio – e deu uma descrição dele e da sua associação comercial com ela. Ora, como explica isso, exceto com base em que o que aqui está escrito e o que aqui é mostrado é verdade? Não pode haver outra explicação satisfatória. Os "mortos" dizem-no. Os seus parentes dizem-no. O artista di-lo. E agora eu digo-o.

Não há outro registo como este no mundo. Não há outro artista a fazer exatamente o mesmo trabalho – ainda. Portanto, é um facto dizer que este trabalho é único no mundo do Espiritualismo e no mundo da arte. O mérito técnico está lá. Nalguns casos, é brilhante. A evidência está lá. Resta apenas apresentar o caso ao público mais vasto para que dele possa beneficiar.

Inicialmente, todos os esboços são delineados rapidamente, embora nem todos sejam completados rapidamente. Alguns são terminados em poucos minutos; outros foram feitos em poucos segundos. No entanto, outros espíritos são obstinados ou reservados, e o trabalho é retardado ou complicado. Por vezes, uma cabeça em tamanho natural aparecerá tão rapidamente que parece não estar a ser desenhada, mas a projetar-se no papel.

No entanto, está a ser feita nesta grande cidade de Londres. Não é preciso viajar para o Oriente para ver esta maravilha. É feita por um artista britânico, que vive uma vida simples e solitária, dedicado a este trabalho. Vive-o, pois nele são frequentemente reproduzidas as dores da passagem daqueles que regressam pela primeira vez para mostrar que estão vivos e não são os "mortos" que são chorados. O artista não reivindica nada. Todas as declarações sobre reconhecimento e semelhança vêm dos parentes daqueles que aparecem do Mundo Espiritual. Depois, os clientes produzem as suas fotografias. Leah não vê nenhuma fotografia antes de fazer os desenhos, pois, como leu, frequentemente são feitos antes de ele conhecer o cliente. Não precisa das fotografias, exceto para comparação – depois.

Nada parecido com esta obra benéfica do Espiritualismo é feito de qualquer outra forma. As igrejas não o fazem. Não podem, pois expulsaram o poder do Espírito e substituíram-no pelo credo e pelo ritual, pelo dogma e pelo catecismo, pela vestimenta e pelas ordens; e pela voz do Espírito têm a voz da Ortodoxia. Não há mão inspirada na sacristia ou na catedral que desenhe uma linha dos rostos dos vivos mortos. O deles é o trabalho do dogma morto. Nenhum credo pode trazer de volta a voz que conheceu e o rosto que conheceu. Não há substituto para a evidência. Não há nada que substitua o facto, e não há facto que possa morrer.

São sempre os parentes dos vivos mortos que se entusiasmam com os desenhos de Leah. Eles sabem. Leah vê realmente os espíritos que posam para os seus retratos. Vê-os como um escultor vê um modelo acabado – isto é, têm comprimento, largura e espessura. É uma sensação semelhante a poder andar à volta de uma pessoa viva,

captando forma e proporções sem um único movimento por parte do comunicador. É comum que uma boa semelhança seja feita em meio minuto. Um desenho excelente foi feito em nove segundos. Há outros que demoram muito mais tempo. Um caso excecional demorou nove anos desde os primeiros contornos até aos pormenores completos. Enquanto o artista está a trabalhar, não tem sensação do tempo. Está absorvido na sua tarefa, e está sempre fascinado com o entusiasmo dos espíritos em se mostrarem de forma probatória. Por vezes, insistem em exibir imperfeições, até pequenas pintas que foram habilmente removidas do rosto.

Ora, este artista é assediado por pessoas que querem desenhos dos seus maridos, esposas, irmãos, irmãs e amigos "mortos". Poderia continuar sem descanso durante os próximos cinquenta anos, e procura em vão um sinal do aparecimento de outro artista que se dedique a trabalho semelhante. Mas os médiuns nascem, e depois são treinados; e são todos diferentes. Mesmo assim, o público agora interessado nos vivos mortos cresceu tanto que Leah está totalmente ocupado. Renunciou a tudo por isto.

É o tipo de evidência que não se pode esquecer nem refutar com argumentos. Não se poderia, por exemplo, demonstrar ou argumentar que se devia à telepatia, pois como poderia um homem a trabalhar com pouca luz desenhar o rosto de alguém que não tinha visto? É fácil para um artista desenhar algum tipo de rosto – se não se importar com o resultado, mas mesmo quando não se pretende qualquer semelhança, há geralmente um modelo.

Então, como pode alguém explicar esta faculdade extraordinária? É mais racional aceitar os resultados da visão do artista – que ele vê aqueles que desenha – do que inventar uma teoria. O trabalho do artista tem, além disso, a corroboração nos milhões de casos de Sobrevivência comprovada. Os espíritos que noutros lugares falam em voz direta, ou escrevem através da mão de um médium, ou se mostram à visão clarividente, podem igualmente posar para os seus retratos. Vêm por uma razão – para provar que vivem, que a sepultura não é o

fim, e que têm uma missão amorosa e benéfica a cumprir ao consolar aqueles que deixam para trás.

Leah não só vê os "mortos", como também os ouve, e são eles que lhe dizem da sua relação com aqueles que vêm a ele para sessões. Não há pessoas na terra tão corteses como os "mortos", nem tão atenciosas. Têm toda a razão para ser pacientes. Vivem na eternidade e vêm como visitantes a este mundo onde temos tão pouco tempo de sobra. Os "mortos" vêm frequentemente a ele quando está a falar ao telefone, e começam a sua evidência nessa altura. São os ansiosos. Estão desejosos de imprimir as suas semelhanças na memória do artista.

Procuram os seus amigos, e são mais felizes quando se provam a si mesmos. Vivem num mundo de realidade. Podem ver os efeitos das causas, e sabem para além de qualquer dúvida que um coração consolado vale mais do que todos os sermões do mundo, e que não há nada maior do que a verdade. Esse é o motivo e propósito que tudo impulsiona por detrás do regresso do Espírito. Não há mais nada, pois quando o propósito primordial da Sobrevivência é demonstrado, todos os outros factos se seguem, e são muitos.

Esta é uma grande obra, e realiza-se de muitas maneiras. Não há limite para o bem que pode fazer, e não há ninguém que não possa beneficiar dela. É uma obra curativa no sentido mais amplo, pois quando a alma é tocada, as forças restauradoras ao comando do Espírito são libertadas, e a tarefa maior da autoexpressão começa.

É verdade de todos os médiuns bem treinados que dão evidência deste tipo que têm mais trabalho do que conseguem gerir e, apesar do muito comum delator e dos ataques ignorantes e maliciosos dos inimigos do Espiritualismo, a evidência é dada. Raramente hoje em dia as pessoas que pensaram, mesmo que ligeiramente, no Espiritualismo riem ou zombam dele. Isso fica para aqueles que têm um interesse estabelecido a servir – seja religioso ou científico.

Quase todos os que investigam ficam convencidos, até que agora há uma consciência crescente em todo o mundo de que apenas através dos esforços dos Espiritualistas, e dos médiuns indispensáveis, há uma perceção da vida para além da sepultura, e que aqueles que partem podem e regressam para provar a sua Sobrevivência e deixar em registo por séculos, se necessário, os seus retratos.

Quando consideramos a rapidez com que, na sua maioria, estas semelhanças psíquicas são desenhadas, devemos também lembrar que quando um artista não psíquico – mesmo de reputação mundial – tem um cliente durante uma hora de cada vez, o retrato pode levar semanas e até meses a terminar. A semelhança desejada como base para o trabalho do artista não psíquico nem sempre aparece na primeira ou mesmo na terceira sessão. Esse fator, quando considerado juntamente com a alta velocidade – quase tão rápida como a fotografia – do trabalho de Leah, deve ser tido em conta quando vemos que todo o objetivo não é apresentar uma obra para a Royal Academy, mas mostrar uma semelhança de alguém que não é visível à visão normal, alguém que não foi visto pelo artista na vida normal. Sei que isto pode parecer repetição, mas a menos que o caso seja claramente delineado no início, teremos de fazer este ponto repetidamente.

Os enlutados, claro, a menos que sejam especialistas, raramente estão interessados nos pormenores técnicos do trabalho. A sua única preocupação é ver novamente o rosto daquele que amam. É o propósito deste livro mostrar que isso acontece; que os retratos são probatórios não há dúvida, pois os vivos atestam os rostos dos "mortos". O que resta, então? Apenas que devemos espalhar as boas-novas por todo o mundo para que outros corações doloridos possam ser aliviados; que outras mentes possam ser resgatadas da escuridão da ignorância gerada pelo falso ensino ao longo dos tempos.

Somos herdeiros não só de conhecimento, mas também de ignorância. A força da ignorância é grande. Levanta-se contra os buscadores da verdade em toda a parte. Há apenas um meio de a destruir. E aqueles que procuram espalhar este conhecimento

inestimável da vida após a morte, que só mata a ignorância e liberta a mente humana, são poucos.

Não se encontram médiuns todos os dias. São todos diferentes porque são treinados por guias espirituais que pensam longamente sobre o trabalho que os seus instrumentos têm de realizar. O treino é um processo longo. Nalguns casos, continua desde a infância quase até à meia-idade. Os guias fazem o melhor que podem com os médiuns que têm. Há sempre uma escassez de médiuns; há sempre milhares de pessoas à procura dos seus serviços. Portanto, através de livros como este, é nossa esperança alcançar três coisas – provar o valor de outro médium que dá evidência irrefutável da vida após a morte; consolar o enlutado; e encorajar outros a servir como Leah serviu e está a servir.

Até que se conheça algo da vasta organização do Outro Lado que nos mantém abastecidos de evidência, pode-se pensar, como a maioria dos inquiridos pensa, que tudo simplesmente acontece, e que tudo é resultado de circunstâncias fortuitas não controladas por nada exceto as necessidades do momento. Mas a experiência mostra o contrário. E alguns dos guias mais conhecidos, aqueles que são especialistas em ajudar os "mortos" a provar a sua sobrevivência, dizem que tem de haver muita preparação antes de uma sessão.

Alguma da evidência é preparada muito tempo antes, mas a maior parte é apresentada para dar a aparência de espontaneidade. Isso não significa que o comunicador esteja, como a maioria dos nossos locutores enfadonhos, a ler algo de um guião. Conhece o tipo de coisa – "Ah, Capitão Calças de Sino, há muito tempo no mar?" "Sim, estou no mar, homem e rapaz, há trinta e cinco anos." "Deve ter tido bastantes aventuras?" "Oh, sim, tive bastantes aventuras." "Não quer contar-nos alguma coisa sobre elas?" Então o Capitão lê algo da sua história de vida, não nas suas próprias palavras, mas numa linguagem fornecida para ele, e os seus parentes dizem: "Bem, isso não é o velho Calças de Sino, de qualquer forma. Ele não fala assim."

Ora, na sala de sessões, ou no estúdio onde os "mortos" têm os seus retratos desenhados, há preparação, mas os comunicadores, quando usam as suas próprias vozes, falam como estão habituados. Nunca se ouve um cockney a falar com sotaque de Oxford; não se ouve um homem que nunca olhou através de um telescópio a falar sobre os vastos espaços interestelares. É tudo tão natural. Se o enlutado que procura evidência é lento a perceber, os espíritos não se tornam impacientes como nós.

Compreendem que é novo; frequentemente, a dificuldade é conter o espírito ansioso que, na sua alegria de reencontro, quer derramar todo o seu amor e contentamento numa curta sessão. Por vezes, há lágrimas de felicidade porque o véu está finalmente quebrado; por vezes, há palavras amorosas faladas nos acentos de alegria comuns àqueles que verdadeiramente se reencontram após uma longa separação ou após uma experiência difícil.

É preciso conhecer bem a sala de sessões, é preciso experimentar o trabalho de muitos guias e médiuns antes de compreender, mesmo que um pouco, a grande quantidade de trabalho que tem de ser feita antes de uma peça de evidência ser apresentada com sucesso. Nem todos os clientes são igualmente úteis. Alguns levantam as barreiras da dor, alguns apegam-se aos seus medos de que isto seja algo que não se deve fazer, e outros têm medo porque não sabem.

Agradeço a correção. Eis a continuação da tradução, com a devida atenção para evitar termos iniciados por "auto":

O facto permanece que, em inúmeros casos, há comunicação bem-sucedida, e, após os primeiros erros de entusiasmo e medo, a comunhão entre os "mortos" e nós próprios ocupa o lugar justo e natural que deve ter na vida de qualquer mundo verdadeiramente civilizado.

É o facto de maior importância no mundo. Sem ele, todas as nossas esperanças são vãs; podemos planear uma dúzia de novos mundos e não ter certeza de que perdurarão, a menos que tenhamos a

convicção baseada na evidência de que há uma vida contínua para além desta; e para a qual esta é uma preparação.

Os guias espirituais não desejam receber sob seus cuidados homens, mulheres e crianças ignorantes. Há muito que se queixam de que o tipo de pessoas que enviamos do nosso mundo tem de ser reeducado. Partem daqui sabendo ou nada sobre o estado em que hão de habitar por toda a eternidade – ou com as mais grosseiras ideias feitas pelo homem sobre o purgatório, anjos a tocar harpas e uma divindade vingativa à espera de os punir por coisas que um pai comum perdoaria quase assim que fossem feitas.

É porque querem melhores cidadãos deste mundo e do próximo que os guias levantaram médiuns do tipo de Leah. Querem espalhar o conhecimento que liberta os homens dos seus medos. Querem que refaçamos as nossas vidas na certeza de que estamos a planear para um propósito duradouro; que quando partirmos daqui reteremos os nossos interesses; que a habilidade adquirida aqui neste mundo não perecerá com os nossos corpos, mas que permanecerá com as nossas afeições, e que seremos capazes de empregar todas as qualidades que evoluímos no esforço cooperativo entre os dois mundos.

2
Prova em Nove Segundos

Provavelmente um dos desenhos mais rápidos do mundo foi feito por Leah durante uma visita a Norwich em 1937. Tinha um compromisso de três dias para realizar um serviço espiritualista, dar uma palestra com projeções sobre o seu trabalho e fazer retratos. Disseram-lhe que doze sessões estavam marcadas para ele, e que uma senhora, a Sra. Burgess, queria vê-lo com urgência em sua casa. Não saía muito devido à sua surdez. Uma voz espiritual disse ao artista para deixar a Sra. Burgess para o fim. O estranho ao Espiritualismo rapidamente percebe que, quando um Espírito se dá ao trabalho de dizer a um médium para fazer algo, é por uma boa razão, embora nem sempre uma que apareça imediatamente. Tem de haver a mais estreita

cooperação e confiança absoluta entre o médium e o guia antes de se fazer um trabalho como este.

E a voz espiritual de Leah pediu-lhe que fosse à Sra. Burgess por último – é mostrado – porque a sua mãe "morta" queria dar-lhe um presente. O presente foi o esboço de nove segundos – e uma boa dose de evidência de que os membros da família Burgess não só estavam vivos para além do véu, mas estavam ativamente interessados em provar-se a si mesmos.

Esta é a história de Leah: "Fui à casa da Sra. Burgess no Crescent, a cerca de uma milha de distância. Estava exausto. O tempo estava horrível, e ressenti-me de ter de andar por ele e ficar encharcado como preliminar para fazer um trabalho deste tipo. E, no entanto, depois de ter deixado as minhas coisas gotejantes no hall da Sra. Burgess, pus-me a trabalhar imediatamente, e o retrato do seu marido foi feito, estando a Sra. Burgess sentada ao meu lado. Devo explicar que vi o seu comunicador nem objetiva nem subjetivamente, como costumo ver.

O seu rosto estava claramente delineado no meu papel de desenho, facto que apontei à Sra. Burgess. Mas ela, infelizmente, não o podia ver. Restava-me, portanto, pouco mais do que preencher os traços. Já tive esta experiência muitas vezes, mas nunca antes retratei um comunicador tão rapidamente, sendo o registo anterior de um quarto de minuto para um retrato em tamanho natural." Este desenho de Burgess tem quatro polegadas de altura, e foi completado em cinco minutos, embora o esboço preliminar tenha levado apenas nove segundos.

Leah obteve muita evidência clarividente para a Sra. Burgess, cujo marido descobriu ter sido médico antes de falecer em 1919. O irmão da Sra. Burgess, também médico, apareceu. Faleceu em 1906. A mãe mostrou-se "vestindo uma touca branca e véu de luto muito semelhantes aos usados pela Rainha Vitória". O artista esboçou os seus traços, mas cedo descobriu que ela não viera para ser desenhada. A sua visita era para celebrar o aniversário da sua "morte". Queria dar

à sua filha um presente adequado. E conseguira. É por isso, diz o artista, que a voz espiritual lhe disse para deixar o seu compromisso com a Sra. Burgess para o fim. Foi deixado tão tarde que ela quase perdera a esperança de o ver.

3
Dois Maridos Provam a Sua Sobrevivência a Uma Esposa

O que acontece quando uma mulher que teve dois maridos parte para o outro mundo? Essa pergunta é frequentemente feita aos Espiritualistas. Uma resposta é que, onde o laço de atração é mais forte, ele operará, mas há toda a razão para que os três sejam amigos. Já não há qualquer diferença sobre posse ou direito exclusivo à companhia de alguém quando se deixa este mundo. Mas aqui, através da mediunidade de Leah, está um caso em que os dois maridos de uma mulher regressaram na mesma sessão e posaram para os seus retratos.

Ambos os homens tinham algo que os distinguia, e Leah captou essas pequenas coisas e registou-as. Num caso, o artista viu o que a viúva tinha esquecido. Dificilmente se poderia culpá-la por isso, porque o seu primeiro marido "morrera" vinte e cinco anos antes, e não é provável que ela se lembrasse de cada pormenor. Mas o artista estava certo, e só esse ponto mostra que se pode excluir a telepatia. Pois se a telepatia é a explicação, então os médiuns desenvolveram-na a um grau notável, enquanto aqueles que afirmam que ela explica todos os fenómenos deste tipo não fizeram o mais ligeiro progresso com a sua teoria desde que a apresentaram pela primeira vez. Geralmente, quando um homem descobre uma lei ou uma força na natureza, é capaz de fazer algo a respeito. A história tem muitos desses casos, mas nada na história do Espiritualismo mostra que alguém tenha chegado perto de explicar os factos, exceto com base em que tudo acontece como dizemos – os "mortos" regressam para provar que não estão mortos, e com a ajuda dos guias espirituais mostram considerável engenho ao fazê-lo. Tomemos esta série de retratos como exemplo.

A Sra. Ethel Gibbon, de Sussex Gardens, oeste de Londres, marcou a sua primeira consulta com Leah anonimamente, e quando o viu foi pela primeira vez na sua vida. Se conhece a maneira rápida e direta de Leah falar, pode imaginá-lo a dizer isto, como fez à Sra. Gibbon, assim que ela entrou na sala: "Há aqui dois maridos, mas o segundo marido surge com mais força." Depois o Espírito deu ao médium o seu nome como Hugh, acrescentando que era médico. O seu nome completo era Alfred Hugh Gibbon. Explicou que viera "buscar" a mãe da sua esposa, que estava a ser preparada para a sua passagem. Disse a Leah que a sua sogra vivia no Outro Lado há muitos meses, embora ainda na terra, e que tinha 102 anos. Ora, o artista, habituado a fazer retratos, não podia acreditar nisso, e assim o disse porque a filha que estava na sala com ele não aparentava ter uma mãe com idade sequer próxima dos cem anos.

Depois o médico posou para o seu retrato, mostrando-se a usar um monóculo no olho esquerdo. Isso foi confirmado por comparação com uma fotografia normal. Mostrou-se também com o seu porta-cigarros como prova adicional da sua identidade. O desenho completo levou dois minutos, mas não foi o fim da evidência para a Sra. Gibbon, pois o artista profetizou que a sua mãe faleceria dentro de um mês. É verdade, uma profecia não é evidência até que se cumpra, mas esta cumpriu-se.

Leah, algum tempo depois, viu clarividentemente a passagem da mãe da Sra. Gibbon. Quando a filha veio para uma segunda sessão, ele contou-lhe isso, e acrescentou que a sua mãe estava presente então e que o seu retrato seria feito. A velha senhora disse a Leah que se tivesse permanecido na terra por mais um mês teria feito 103 anos. Isso foi admitido como correto. Leah não conseguia acreditar ainda agora que a sua visitante espiritual tivesse vivido tanto tempo, pois o seu cabelo abundante ainda tinha cor, e ela lhe pareceu não mais do que uma mulher alerta de oitenta anos. Mas desenhou o que viu – uma senhora idosa a usar o seu xaile favorito – e o retrato acabado é semelhante a uma fotografia de jornal no seu 102º aniversário.

Houve ainda mais evidência, pois assim que este desenho foi feito, o médium viu o primeiro marido da Sra. Gibbon, que "morrera" vinte e cinco anos antes. Quando esse desenho foi feito, a Sra. Gibbon disse que, embora o reconhecesse como sendo o seu primeiro marido, as patilhas eram um pouco longas demais e o bigode não era suficientemente grande, pois ele usava sempre o bigode espesso para cobrir os dentes um pouco salientes. Mas quando o esboço psíquico foi comparado com uma fotografia normal, viu-se que a visão do clarividente era melhor do que a memória da esposa, pois as patilhas e o bigode estavam exatamente como foram desenhados.

Ora, aqui estão factos suficientes para que os céticos e os inquiridos reflitam. Não poderia ter sido feito por telepatia, pois a esposa disse que as patilhas e o bigode do seu primeiro marido não eram como o artista os desenhou, mas provou-se que ela estava errada. E se é um caso de telepatia, por que razão insistiu o médium na sua opinião de que a velha senhora que via tinha cerca de oitenta anos, quando, de facto, tinha 102? Estes são apenas alguns dos pontos, sem acrescentar a complicação de que a mulher não disse que tinha dois maridos quando foi para a primeira sessão. Como é que se transmite isso por telepatia? Não sei, mas não é nosso propósito seguir o labirinto interminável da teoria. Estou a apresentar os factos, e estes são suficientemente impressionantes.

Quando os críticos zombam da adivinhação e a confundem com o Espiritualismo, e quando falam de sessões de "quarto de trás" como se ainda estivéssemos na era vitoriana e o público não soubesse nada da nossa causa, esquecem ou ignoram o vasto corpo de conhecimento factual que foi construído. Este conhecimento é tão factual como qualquer coisa na física. Tudo é verificável. Tudo tem o apoio do testemunho humano, e embora os fenómenos mentais não possam ser reproduzidos à vontade num laboratório como alguns investigadores desejariam, fenómenos semelhantes podem ser produzidos, desde que as condições sejam adequadas, e no fim demonstram que a mesma lei fundamental opera.

Não nos apresentamos ao mundo com um caso que causa agitação por alguns dias e depois é esquecido. Temos algo para demonstrar a homens e mulheres razoáveis que perdurará enquanto houver corações doloridos e mentes em dúvida sobre o Grande Além. A partir de incidentes humanos como o que acabei de citar, a nossa causa é construída. Todas as sessões diferem, tal como todos nós mudamos de dia para dia, mas as principais características permanecem, a mesma tendência de pensamento, e isso dá ao caso Espiritualista metade do seu atrativo – a sua variedade infinita. Não há necessidade de temer que se torne enfadonho; que nos cansem da mesma coisa. Não acontece assim. Por detrás do véu há hostes de seres sencientes e calorosos cuja missão é ajudar a humanidade, frequentemente a humanidade que deixaram há pouco. Mantêm a sua afeição pelo progresso, o seu amor pela justiça, a sua ardente vontade de ver os erros corrigidos, e de trazer a luz de um modo de vida mais nobre para este mundo onde tanta beleza é obscurecida por tanta ignorância.

Se estiver no meu poder, gostaria de lhe mostrar que há uma vasta organização benéfica composta por benquerentes e benfeitores. Os homens que aqui eram hábeis na separação do falso do verdadeiro não perdem essa faculdade por perderem um corpo que responde mal às necessidades rápidas do espírito humano. Aqueles que conheceu, e inúmeros outros que não conheceu, estão aliados para nada menos do que a regeneração de toda a família humana de nações e raças.

Não conhecem nada das barreiras de classe e casta no seu trabalho. Veem todos os homens, mulheres, crianças e animais como partes do Grande Espírito de toda a vida que se esforça por se expressar. Veem que há dificuldades suficientes impostas pela guerra da evolução física e espiritual sem lhes acrescentar os grilhões e as cadeias da reação feita pelo homem.

A difusão deste conhecimento – que nos livra dos nossos medos e restaura as provações da vida quotidiana ao seu lugar próprio – é restringida apenas pela falta de instrumentos a que chamamos médiuns. Há também outros instrumentos, os reformadores, os

inventores, os pioneiros em todos os campos do trabalho humano. À medida que se preparam para o influxo de inspiração, a humanidade sente a atração ascendente do espírito em evolução; assim os homens nos lugares escuros da terra ganham novo ânimo após cada fracasso e se esforçam de novo pela chegada do dia mais brilhante – se não para si próprios, então para os seus filhos e para as nações que virão depois de nós.

Apresentamos ao mundo um quadro de um vasto universo em evolução, com tudo o que é necessário e nada negligenciado. Mostramos que há um propósito benéfico; revelamos que não há alma, por mais humilde que seja aos olhos dos homens, que não tenha o seu grande e imperecível valor para o plano que também precisa das marés e das estações e das pequenas coisas do campo e da floresta. É com isso como nosso pano de fundo, revelado ao longo de quase um século de Espiritualismo, que aqui apresentamos os simples factos sobre os quais todo o edifício assenta. Estes factos são mostrados por mestres na arte de apresentar evidência como estando relacionados com o grande todo que dá uma nova confiança a todos os que saem da sala de sessões com as lágrimas do luto enxugadas.

À luz disso, considere este exemplo de evidência dada através da mediunidade de Leah. Em muito menos tempo do que leva a compor o tipo com que esta página é impressa, Leah desenhou sete retratos de Percy George Stocker, que "morrera" dezoito anos antes. Cinco dos sete esboços levaram trinta segundos cada. Vieram todos sem serem solicitados. Nem todos vieram juntos, no entanto formam um registo de um rapaz que se tornou um homem maduro. Felizmente, a família Stocker guardou fotografias, pelo que podemos comparar os desenhos psíquicos com elas. A sessão em que os desenhos foram completados foi dada à esposa e à filha de Stocker, e ficaram tão emocionadas com a sua representação em diferentes fases da sua vida, e com a força de outras evidências que Stocker deu claramente ao artista, que se esqueceram de tomar notas completas.

Um dos pontos altamente probatórios é a indicação do artista do sulco profundo na testa de Stocker em pelo menos dois esboços.

Stocker divertia frequentemente os amigos segurando moedas nesse sulco. A Sra. Stocker e a sua filha, sem dizerem uma à outra, tiveram a mais forte impressão de marcar uma sessão com Leah, a quem não tinham conhecido anteriormente. Na primeira sessão, não só Stocker se mostrou ao artista, como também deu muita evidência. Traçou para a sua esposa e filha duas rotas desde o salão onde a sessão se realizou até à sua antiga casa no sudoeste de Londres.

Ficaram confusas porque ele falou da porta da frente da sua casa abrindo primeiro para a esquerda e depois para a direita. Este foi um bom ponto de evidência, porque Stocker vivera em duas casas sucessivas, lado a lado, e as portas da frente abriam em direções diferentes. Este homem obviamente vivo mostrou-se com o cabelo puxado sobre o rosto. A sua esposa e filha disseram que esse era um dos seus maneirismos. Mencionou a data do seu casamento, do aniversário da sua filha, e disse que a sua passagem foi inesperada e súbita, e que foi causada por pneumonia. O Espírito provou, como muitos outros fizeram, que as suas memórias são melhores do que as nossas, pois lembrou à sua esposa que usava anteriormente uma corrente de relógio com elos, o que ela tinha esquecido.

Mãe e filha saíram da sala de sessões felizes, mas embora estivessem satisfeitas, aparentemente Stocker não estava, pois pediu outro encontro, e duas semanas depois o médium desenhou um grande retrato mostrando um homem de cerca de cinquenta e dois anos, isto é, alguns anos antes de falecer. Nesta representação, a risca do cabelo foi mostrada corretamente; até a cor dos olhos foi dada e uma ligeira peculiaridade nas sobrancelhas.

Stocker recordou a sua infância e mencionou a palavra "bolas de gude". Embora a Sra. Stocker o conhecesse na época de que ele falava, não se conseguia lembrar de nada relacionado com bolas de gude. Mas mais tarde recordou que, quando rapaz, ele gostava muito do jogo de paciência com bolas de gude. E ganhava quase sempre. Talvez seja por isso que ele se lembrou muito depois de a sua esposa ter esquecido.

Agora deve lembrar-se de que os desenhos são feitos quase no escuro, de que o artista não tem nada em que basear a sua semelhança – exceto os vivos mortos tal como se mostram a ele. Ninguém, nenhuma organização no mundo poderia acompanhar todas as peculiaridades que este Espírito ativo e ansioso exibiu enquanto estava do outro lado da morte e se mostrava tal como era através das sete idades, desde a meninice até à maturidade. Não há drama como a verdade revelada na sala de sessões; não há ficção metade tão interessante; e não há conhecimento tão duradouro.

4
Cinco Anos de Espera pelo Reconhecimento

O caso anterior foi um em que todas as fotografias normais foram guardadas e onde a comparação foi instantânea. Mas aqui está um caso em que o médium, quando fez o primeiro de dois desenhos, previu que levaria cinco anos a encontrar uma fotografia para comparação. Tinha razão. A primeira imagem mostrou a mãe da Srta. F. V. Gregory tal como ela parecia por volta da altura em que a sua filha nasceu. Mais tarde, Leah viu a mulher "morta" como aparecia aos setenta e dois anos. A Srta. Gregory tinha uma fotografia para comparação. O segundo retrato foi desenhado em um minuto.

Posso supor, penso eu que justamente, a partir destes dois exemplos, que dada a velocidade de trabalho do médium-artista, seria tão fácil para os guias espirituais produzir um desenho de cada pessoa que parte como é para nós aqui tirar uma fotografia. E é frequentemente mais rápido, aparentemente, ter os seus amigos "mortos" desenhados por um médium do que tirar uma fotografia.

Embora esta seja a mais solene de todas as verdades, nem tudo o que acontece na sala de sessões fica sem luz de riso, e por vezes aqueles que regressam querem que saibamos que ainda se riem de piadas. Alguns até experimentam o seu humor connosco, e embora nem sempre possamos apreciar as graças que fazem, é evidência adicional de que são as mesmas pessoas com o mesmo sentido de humor. Há outros que mostram a sua antiga habilidade em ditos

espirituosos ligados a acontecimentos atuais. Tão espirituosas são algumas destas observações que, quando experimentadas em não Espiritualistas, perguntam-me sempre "Quem disse isso?" Claro que, quando ouvem que é alguém que "morreu", quase se pode ver nos seus rostos o pensamento: "Se eu soubesse, talvez não tivesse dito que tinha piada." Claro que nem todos os seres humanos são tão mesquinhos, mas o facto permanece que os "mortos", tal como os vivos, gostam de nos fazer rir, gostam de provocar o sorriso de apreciação, e gostam de ser considerados hábeis em fazer o tipo de ataques verbais que aliviam a tensão de qualquer reunião séria.

Eis um exemplo da retenção de características humanas. Thomas N. Tunbridge foi maestro de orquestras. Em certa altura regeu a orquestra do Teatro Daly sob a direção de George Edwardes. Era um homem alegre e mostrou a sua natureza ao insistir que Leah fizesse uma caricatura dele, com um charuto na boca. Não espiritual, dirão os cínicos. Mas é mais probatório do que se ele se mostrasse com uma harpa. Gostava de charutos, e quando apareceu o médium disse que a sala parecia estar cheia de fumo de charuto.

Depois, quando se divertiu, Tunbridge, que viera provar-se à sua esposa, posou para um retrato sério. Indicou a sua profissão agitando as mãos como os maestros fazem. Enquanto Tunbridge se mostrava, o médium teve uma visão da sua passagem. O músico estava a conduzir um carro. Houve um acidente, e foi atirado através do para-brisas. Mas não regressou para lamentar a sua passagem. Estava ansioso por ter uma caricatura de si mesmo com o seu amado charuto, e depois passou ao trabalho sério de posar para um retrato.

Disse anteriormente que havia variedade infinita na evidência da Sobrevivência, e todas as pessoas razoáveis que leram até aqui devem admitir que já houve muita variedade. Pensaria que os guias e aqueles que desejam provar as suas identidades chegariam rapidamente ao limite do seu engenho ao apresentar os seus factos. Mas todos nós temos pelo menos uma história para contar, e embora no fim se resuma à mesma coisa, a narrativa é diferente, e os pormenores são organizados de forma diferente em todas as nossas vidas. Além disso,

no Mundo Espiritual nunca escolhem as pessoas pelo que dizem que são; têm de provar a sua capacidade.

Nem todos os que regressam têm a mesma história ligeira para contar. Eis um exemplo em que o nome não é dado por razões que aparecem imediatamente. Uma mulher sentou-se com Leah. O seu pai apareceu, e foi afirmado que ele se mostrou tal como estava pouco antes de cometer suicídio por envenenamento enquanto a sua esposa estava a morrer no quarto ao lado. Depois apareceu como era cinquenta anos antes da sua passagem.

A mulher não sabia como poderia verificar o retrato do seu pai como jovem porque não tinha fotografia para comparação. Mas o médium disse que alguém na sua família tinha uma fotografia que serviria para o que ela queria. Alguns meses depois, uma fotografia foi encontrada, e está impressa ao lado do desenho psíquico para comparação.

Um ponto probatório, além dos desenhos, e dado pelo Espírito, foi que ele casou na Austrália. Isso estava correto. Se o Espírito não soubesse que existia uma fotografia dele como jovem, não poderia tê-lo dito à sua filha. E uma vez que ela não sabia e teve de a procurar – ou esperar até que fosse encontrada para ela – não há esperança de que o médium pudesse ter sabido, a menos que lhe tivesse sido dito pelo único homem que sabia. Isso torna este tipo de mediunidade mais do que apenas desenhar os rostos dos "mortos". Todos eles se provam à sua maneira.

Eis um exemplo de um muçulmano persa que apareceu, escreveu o seu nome em persa, e mencionou Meca para indicar que era seguidor de Maomé. Este comunicador deu o nome da cidade de Kierbeleh, perto de Bagdade, onde o seu corpo foi sepultado. Depois de se mostrar como era normalmente, deu uma pose indicando o tipo de doença que sofreu antes de partir, representando-se com uma bolsa de gelo na cabeça. Ao fazê-lo, Leah sentiu uma dor aguda entre os olhos e os ouvidos.

O orgulho na aparência pessoal não se confina a nós. Aqueles que já não têm corpos físicos gostam de aparecer no seu aspeto mais atraente – especialmente as mulheres. Isso é verdade no caso da Sra. Amy Hill, que se mostrou como uma mulher de rosto cheio de cerca de trinta e cinco anos quando o seu marido estava com Leah. Ora, a Sra. Hill tinha setenta anos quando faleceu, mas insistiu em mostrar-se como uma mulher jovem. Hill ficou perplexo com a insistência de Leah de que o cabelo da sua esposa tinha risca ao centro. Disse que sabia que isso estava errado. Então o médium percebeu que o que via não era uma risca, mas uma mecha de cabelo branco que aparece claramente tanto no desenho psíquico como na fotografia com que é comparado. A Sra. Hill não só provou a sua sobrevivência pela mecha branca no cabelo, como recordou ao seu marido a vida que partilharam no sul da Índia.

Eis ainda outra das pequenas coisas que, ligadas umas às outras, se tecem na vasta tapeçaria da evidência Espiritualista que adorna o salão da verdade. São sempre as pequenas coisas que contam no fim, como neste caso em que o filho do comunicador atestou os factos que o seu pai relatou a Leah. Primeiro o médium-artista viu um homem vestido com sobrecasaca e chapéu de seda, mostrando uma flor na lapela e um guarda-chuva enrolado. Indicou que esta era a sua vestimenta normal.

Leah não conseguia perceber qual era a sua ocupação, então o Espírito mostrou-se a caminhar para o trabalho, a tirar o casaco e o chapéu de seda, a colocar um grande avental e a pegar em martelos, cinzéis e serras. O comunicador era um marceneiro – provavelmente o marceneiro mais bem vestido do seu tempo.

Uma vez, enquanto desenhava no escuro, Leah produziu um desenho impressionante de um pároco, o Rev. G. Gibson Gunn, M.A., cuja filha estava na sala e o reconheceu como uma semelhança perfeita. Mais uma vez, os organizadores espirituais deste tipo de evidência introduziram um toque inovador ao desenhar apenas o contorno de um chapéu para deixar a testa visível para comparação com a fotografia. Se os espíritos – ou o clérigo "morto" – não

soubessem da fotografia que mostra a testa larga e funda, como poderiam ter tomado precauções para salientar esse ponto no desenho que Leah fazia? Parece que eles planeiam melhor do que nós, embora isso não seja de admirar, pois há muito pouco do tipo certo de planeamento neste mundo em qualquer altura. Somos os improvisadores imperfeitos – quando já é quase tarde demais e por vezes quando é mais do que tarde demais. No entanto, mesmo tendo planeado mostrar a testa característica, os comunicadores espirituais não se esqueceram desse pequeno extra de evidência de identidade. Este clérigo disse ao médium, o que a sua filha confirmou, que andou na escola com o Dr. Randall Davidson, que mais tarde se tornou Arcebispo de Cantuária.

Um exemplo de um homem versátil é John Millard, que nasceu 140 anos antes de o seu bisneto receber a sua prova pessoal de Sobrevivência. John Millard impressionou Leah com uma visão de Glastonbury, e depois indicou uma quinta a doze milhas de distância, dizendo que ali vivia. Não só tocava órgãos de igreja como também os construía. A sua peça de evidência inovadora foi que era filho do segundo casamento da sua mãe.

Disse também que nasceu em 1797. Todas estas afirmações foram confirmadas pelo seu bisneto, que mais tarde deu a Leah uma fotografia do seu antepassado. É claro, pelo estilo das patilhas e da barba, que Leah deve ter visto diante de si o que desenhou. Não poderia imaginar uma semelhança, e não vejo como mesmo a miraculosa faculdade telepática poderia ser estendida do estúdio do artista para o local desconhecido onde a velha fotografia estava guardada. Isso ignora todas as dificuldades de a imprimir no cérebro do médium – ou onde quer que seja que a faculdade telepática seja supostamente operar nestes casos em que a evidência é tão forte que os céticos e os opositores têm de encontrar algum argumento quando não têm razão do seu lado.

O que faria se um Espírito aparecesse no seu estúdio enquanto pintava e lhe desse o nome e a morada de uma mulher com quem desejava comunicar? Foi o que Leah fez. Telefonou para a morada,

mas descobriu que a mulher mencionada estava fora da cidade. Então fez o desenho do jovem que viera sem ser chamado e levou-o à acompanhante da mulher, que o identificou imediatamente como sendo de um amigo próximo dos seus primeiros tempos. Quando a mulher cuja morada foi dada – a Sra. Wood-Sims – regressou à cidade duas semanas depois, produziu a fotografia que está impressa juntamente com o esboço espiritual. Tem de ter em mente que, quando Leah fez o desenho, o jovem era um estranho para ele, mas a sua peça especial de evidência é que se lembrava da morada da sua amiga. Assim, conseguiu o reconhecimento por duas pessoas.

Mais uma vez, uma mulher, ao chamar a atenção para o estilo em que usava o cabelo, provou a sua identidade. Era a Sra. Ramsay, e apareceu a Leah como tinha sido alguns anos antes de "morrer"; a sua filha não se lembrava dela com o cabelo naquele estilo. O médium garantiu à filha que ela encontraria uma fotografia para provar a sua afirmação. Nove meses depois, a fotografia foi encontrada, e o estilo de cabelo desenhado pelo artista foi confirmado.

Ora, como é que ele sabia, se não via a Sra. Ramsay? É tão difícil imaginar um penteado como qualquer outra coisa impossível no mundo. Nenhum homem poderia adivinhar como uma mulher arranjaria o cabelo, e se tentasse imaginar o estilo favorito de uma estranha, certamente se enganaria. Neste caso, nem a própria filha da mulher se lembrava, pelo que não poderia "telepatizar" o que não sabia!

A esta altura, o leitor já deve começar a perceber que um Espiritualista convicto é difícil de abalar, uma vez que se dedica a demonstrar a sua evidência. Há, em cada exemplo do trabalho de Leah, um facto notável ou vários. O facto pode em si mesmo ser pequeno em relação a todo o caso, mas facto, e facto importante, continua a ser. O leitor deve também começar a sentir que este caso está a ser provado e que nenhuma teoria pode explicar a evidência da Sobrevivência. Resistiu a todos os testes que os cientistas podem conceber, a todas as alegações daqueles que não investigaram – e estes

são de longe os mais vocais – e tem consistentemente derrubado toda a oposição mal informada.

Os nossos factos sobreviveram ao melhor e ao pior que os opositores puderam arquitetar. Houve investigações justas em que triunfámos, e houve "exposições" pré-arranjadas que dependiam unicamente de batota e prestidigitação para o seu sucesso. Frequentemente as pessoas que tramaram estes casos imaginavam-se movidas pelas melhores intenções – para provar que estávamos errados, mas como dois erros fazem um acerto não é explicado. Mas onde os investigadores se propuseram a examinar o nosso caso de forma justa, o resultado quase invariável foi ganhar um novo apoiante. Nem todos os que ficam convencidos estão prontos para se assumir publicamente. Alguns têm de ser persuadidos, alguns têm de ser envergonhados para dizer a verdade, mas há outros que acrescentaram o seu testemunho às suas próprias grandes realizações, e encorajaram as pessoas pequenas em todo o mundo pela sua posição corajosa em defesa da verdade que encontraram na comunicação com o Mundo Espiritual. Encontraram seres inteligentes – alguns deles com caráteres de uma nobreza raramente encontrada na terra – e encontraram também os seus próprios "mortos" ainda vivos do outro lado do abismo que separa o outro mundo deste.

As opiniões há muito mantidas são as mais difíceis de derrubar. Alguns homens e mulheres viram o rosto da luz deste conhecimento em vez de enfrentarem o pequeno inconveniente resultante da defesa da verdade. As teorias não podem resistir face a factos que as contradizem, mesmo que as teorias sejam antigas e apoiadas por eminentes teóricos de épocas passadas. Não há argumento melhor do que um facto, e é por isso que não se pode abalar a convicção de um homem ou mulher que uma vez contemplou o rosto daquele que ama e vive no mundo além, ou que ouviu a voz, ou que sentiu o toque da mão que dá confiança em tempos de aflição.

Há os casos excecionais de homens e mulheres que não procuraram evidência pessoal, mas investigaram porque entendiam que, se tão grande verdade pudesse ser demonstrada, então deviam

saber para que pudessem dar testemunho dela no mundo. O seu número cresce, mas serão sempre as exceções. A corrente principal dos inquiridos trazidos à sala de sessões e ao círculo familiar Espiritualista é sempre composta por aqueles que "perderam" alguém e procuram consolo. É excecional que saiam de mãos vazias, pois poucos há que não possam ficar satisfeitos de que a verdade básica seja simples de demonstrar. Mas os efeitos são tremendos, pois uma vez que se prova que há uma vida para além da sepultura, a sua própria vida tem de mudar, porque toda a sua perspetiva muda.

Passa da visão de quem não sabe para a de quem sabe, e então é uma questão para a alma individual resolver consigo mesma o quanto contribuirá para o mundo que um dia há de surgir como resultado de toda esta evidência. Já não pode permanecer o mesmo; já não pode permanecer indiferente às grandes questões do medo, da pobreza e da insegurança.

Já não pode um homem dizer "isso não é da minha conta", pois torna-se responsável perante o conhecimento que primeiro baniu o seu medo de que todo o esforço humano era em vão e de que a sepultura engolia as suas mais nobres aspirações, bem como o seu corpo. A verdade não termina com a sua aceitação. Funciona como um fermento e nunca se pode dizer que se é o mesmo e que isso meramente prova que se vive após a morte.

Se, como afirmamos, esta grande obra benéfica foi posta em movimento porque um tipo inferior de humano estava a morrer para o próximo estágio de existência, então estamos automaticamente obrigados a emprestar a nossa ajuda à tarefa da reforma. Pois o tipo de homens e mulheres que fazem os melhores cidadãos do próximo mundo fazem o melhor tipo neste. Ali, o único passaporte para o progresso é o mérito, o serviço e o coração amoroso. As mesmas qualidades neste mundo, manifestadas por uma grande minoria, mudariam a velha ordem com uma velocidade que surpreenderia até o mais endurecido.

Esta exposição simples pode parecer demasiado simples para ser verdade, mas se aceitar os primeiros factos, não pode escapar aos últimos. É uma grande aventura quando se inicia a investigação do Espiritualismo, uma que não deve ser empreendida levianamente. Não importa o que a oposição diga, somos perigosos – perigosos para a ignorância, a intolerância, o privilégio, e a arrogância e agressividade de uma ordem de vida puramente material, ou mesmo para uma chamada ordem de vida religiosa que nega os ensinamentos básicos daqueles que estiveram à cabeça de todas as religiões quando, na sua pureza, foram primeiramente entregues às mentes e mãos dos homens.

E induz um sentimento de humildade quando se recorda que o primeiro passo pode ser um desenho espiritual do tipo que já lhe foi mostrado uma dezena de vezes.

Ora, todos estes incidentes que provam a Sobrevivência e que relatei brevemente fazem parte de uma série, e este é tão impressionante como qualquer outro neste livro. Como convém a um soldado, quando o General Sir H. Godfrey-Morgan, V.C. apareceu, mostrou-se tão claramente que duas outras pessoas, além do médium, o viram. O General apareceu para que pudesse ser identificado pela sua sobrinha, cuja educação lhe tinha estado muito a cargo. A fotografia normal mostra quão claramente o artista o viu, e quão bem o desenhou.

5
Pioneiro da Cremação

Que a personalidade desenvolvida na corrente deste mundo sobrevive mesmo aos fogos da cremação é mostrado neste caso do notável desenho do Dr. William Price. Ele foi um pioneiro – o "inventor" da cremação neste país. Aconteceu assim. O filho bebé de Price "morreu" e o seu corpo foi queimado por ele em 1884. Naturalmente, houve um escândalo. Não se poderia esperar que em Llantrisant, no País de Gales, uma mudança tão revolucionária passasse sem contestação. Foi contestada, mas no fim a decisão

judicial foi que Price não fizera nada de errado e que a cremação era legal. Parece muito alarido para uma medida tão simples e sanitária, mas é assim que o progresso é feito. Do simples ao sublime é apenas um passo, mas é difícil levar os seres humanos a dar o primeiro passo.

Tendo-se estabelecido como pioneiro da cremação, Price viveu a sua vida plena e benéfica. Uma vez que a personalidade deve sobreviver, manteve o seu interesse pela cura, e com o tempo procurou um médium através de quem pudesse trabalhar. É assim que se faz. Primeiro o desejo de servir, depois a busca do instrumento, depois o treino, a missão começa – e a batalha abre-se.

O médium foi encontrado. Essa não é a dificuldade. Os guias sabem sempre o que querem fazer, mas uma vez que precisam de colaboradores, têm então de convencer e persuadir os seus instrumentos de que são o que dizem ser.

O médium neste caso foi a Sra. May Bird que, como a maioria dos médiuns, duvidou quando lhe disseram pela primeira vez que tinha poderes psíquicos capazes de desenvolvimento. O seu trabalho seria a cura. O seu primeiro caso não foi simples; tratava-se de cancro. Ela não procurou o paciente. O paciente procurou-a. A Sra. Bird foi a uma reunião Espiritualista em Woolwich. Uma mulher, uma estranha, implorou-lhe que fizesse curas. "Mas nunca fiz nenhuma cura," respondeu a Sra. Bird.

Dois anos antes, tinham dito à Sra. Bird que ela podia tornar-se curadora, mas não se preocupou com isso. No entanto, a estranha insistiu, e a Sra. Bird concordou em tentar. O paciente apareceu em sua casa, e quando a porta foi aberta, outro entrou com ela. Era o Dr. William Price. Viera retomar a sua cura, desta vez com um médium como colaborador. A Sra. Bird teve a satisfação de saber que, enquanto o Espírito controlava o seu corpo, ela permanecia consciente, e era uma espetadora fascinada do tratamento. Chegou mesmo a ouvir o homem "morto" a usar a sua voz para dizer que o paciente seria curado em dezassete semanas. Assim foi. No fim desse

tempo, o tumor desintegrou-se e desapareceu. Isso foi em 1917. Os factos foram relatados em 1938, e o paciente ainda estava vivo então.

Por mais fascinante que isso seja, é apenas o pano de fundo para o desenho que Leah fez deste pioneiro e curador. A Sra. Bird não sabia inicialmente quem era o seu guia, mas depois ele foi descrito por outros médiuns. Fez uma viagem ao País de Gales especialmente para verificar a informação, e descobriu que os pormenores recordados pelas pessoas de lá corroboravam o que os médiuns lhe disseram. Até aqui, a identidade do médico parece ter sido estabelecida, mas parece também que ele não ficou satisfeito, e queria que o seu retrato fosse feito. Por isso, impressionou Leah com esse desejo. Foram feitos dois retratos, o segundo com o médico a usar o cabelo comprido em duas tranças, uma atrás de cada ombro. Esta imagem foi terminada, mas Leah não disse nada à Sra. Bird – nem a mais ninguém. Estava tão justificadamente orgulhoso do trabalho que o enviou para a Royal Academy.

Mas foi dito ao artista numa sessão que dois selecionadores estavam a impedir que o desenho fosse pendurado, e com o tempo foi devolvido com um bilhete de rejeição. Mas antes de a Sra. Bird saber que o seu guia espiritual tinha estado a posar para o seu retrato no estúdio de Leah, o Dr. Price mencionou-o.

Quando a Sra. Bird viu o desenho, ficou surpreendida, pois sempre que o médico se mostrava a ela, usava um cocar peculiar. A prova final da precisão do desenho veio seis meses depois, quando um jornal galês publicou uma entrevista com um homem que se lembrava do Dr. Price e fez questão de mencionar o seu cabelo comprido e trançado que caía sobre os ombros. Sempre ao ar livre, ele cobria as suas tranças com o seu cocar especial, que é mostrado na fotografia.

Não faz sentido uma comparação rigorosa entre o desenho e esta fotografia, pois o desenho é uma obra muito superior à velha fotografia desbotada. O desenho em si é a plena justificação da reivindicação do artista de ser chamado retratista dos vivos "mortos". O Dr. Price é mostrado como um Espírito vivo.

Ainda a fazer o ponto de que não há limites para a evidência da Sobrevivência, tomemos o caso do piloto do Corpo Aéreo Real que caiu na Primeira Guerra Mundial e cujo corpo, embora embalsamado e preparado para expedição para o Canadá, ainda jaz num cofre em Londres. O Capitão Harold Bellamy Hamber, um canadiano, descolou de Hendon para ajudar outro piloto que tinha aterrado num campo perto de Hartington, Bedfordshire, em 1917. Com Hamber estava um mecânico. Juntos ajudaram o piloto encalhado a descolar, e depois tentaram segui-lo. Assim que a sua máquina se elevou, virou bruscamente e caiu. O mecânico morreu instantaneamente, e Hamber "morreu" num hospital militar no dia seguinte.

Vinte e um anos depois, a cunhada de Hamber, Anne Webster, sentou-se com Leah, com quem a consulta foi marcada anonimamente. Na sua maneira rápida habitual, Leah disse que o cunhado de Anne Webster estava presente, que estivera no R.A.F., deu a sua idade como cerca de trinta anos, a data do acidente fatal como finais de junho de 1917, e o local como sendo nos arredores de Londres. O médium descreveu a sensação de queda e acidente, a rapidez da passagem e o tipo de ferimentos causados. Aqui estão as palavras de Anne Webster: "Depois de dar uma descrição intensiva e precisa da aparência de Hamber e da sua personalidade bastante distinta, ocorreu a transfiguração. O rosto de Leah assumiu a expressão e os traços do meu cunhado, e o olho esquerdo fechou-se e inchou na pálpebra inferior. Foi-me dito que me estava a ser dada uma chave para 'abrir a porta da ignorância'."

Durante o resto da sessão, Leah foi levado "para fora do seu corpo" para Essex, onde Anne Webster estava a visitar uma amiga na altura do acidente. Ali recebera o telegrama oficial a dar a notícia da morte de Hamber. Depois disso, o médium, ainda fora do seu corpo físico, foi levado para Vancouver, onde vive o único irmão de Hamber e onde o seu filho foi criado.

Então o retrato psíquico foi desenhado, primeiro sem o capacete de piloto, no qual Hamber se revelou mais tarde. Embora o desenho

possa parecer invulgar, Anne Webster diz: "É verdadeiramente notável como o artista conseguiu acrescentar esse capacete sem esconder o pronunciado pico de viúva, e a risca do cabelo ligeiramente descentrada. Isso aparece claramente em ambas as fotografias, e Leah descreveu-o em pormenor. Queríamos uma cabeça sem o capacete, por isso o médium esboçou um segundo retrato.

"Hamber opôs-se, e mostrou-se novamente com o capacete de piloto, como se dissesse: 'Sou piloto'." O retrato faz muito mais do que apenas 'assemelhar-se' às fotografias (que o artista não viu até dois dias após a sessão). Põe em relevo impressionante uma curiosa mistura de alegria e tragédia tão característica do meu cunhado, tal como me lembro dele durante as semanas que precederam a sua passagem para o Mundo Espiritual."

Isto faz parte do registo de uma sessão realizada em junho de 1938. Em junho de 1939, Anne Webster perguntava-se porque é que o Capitão Hamber teria ocultado de Leah o facto de que havia algo invulgar na disposição do seu corpo. Durante uma conversa com ela, Leah disse mais tarde que recebera essa informação sobre o corpo do aviador – "deixado demasiado tempo com o agente funerário". Isso era evidência de primeira classe, mas o médium superou-a ao dizer que o caixão estava numa prateleira numa capela num cemitério a cerca de duas milhas de onde ela vivia (perto de Regent's Park), e que estava com vários outros caixões. O corpo não sepultado de Hamber, no seu invólucro de chumbo, foi durante algum tempo depois um local de peregrinação para aviadores e soldados canadianos. Tudo isto Anne Webster confirma.

Não muito depois de esta evidência ter sido dada, o filho de Hamber chegou a Londres para ficar com a sua tia, Anne Webster. Não se viam há cerca de 18 meses – isto é, antes de o primeiro retrato psíquico ser desenhado. Enquanto o seu sobrinho desfazia a mala, Anne Webster reparou que ele puxou uma pasta de couro contendo uma fotografia da sua mãe, e uma do seu pai.

Enfreado num canto da pasta estava uma pequena fotografia de Hamber tirada com um capacete de voo. Isso recordou o incidente no estúdio de Leah, quando ele acrescentou o capacete a pedido do aviador "morto". Até ao momento em que viu a fotografia, Anne Webster não tinha visto uma imagem do seu cunhado a usar um capacete de voo. Depois comparou a forma deste capacete na fotografia com o desenhado por Leah, e concluiu que havia uma semelhança impressionante. O capacete não é do tipo que os aviadores usam hoje em dia.

Não há dúvida neste relato de Sobrevivência comprovada de que estão presentes todos os elementos de inteligência, persistência, previsão, e um toque de dramatismo. É necessária uma paciência considerável, mesmo para um homem "morto" esperar vinte e um anos para se provar, e depois esperar mais um ano para acrescentar mais evidência a algo já provado.

Relato agora que quando Anne Webster escreveu sobre a primeira sessão, pediu que qualquer pessoa que soubesse algo do acidente lhe escrevesse. Aparentemente ninguém o fez, mas o seu enérgico cunhado fez o seu próprio testemunho convincente à sua maneira.

6
Evidência no Teatro Drury Lane

Uma forte atração pessoal que não conseguia explicar levou a Sra. W. Wade, de Surbiton, a um dos atores, F.C. Cowley Wright, do elenco de "Decameron Nights", no Teatro Drury Lane. A atração deu início a uma amizade não concretizada na terra. A Sra. Wade não tinha visto Cowley Wright antes de entrar no teatro. Mas sentia que o conhecia. Não foi a representação que a impressionou, mas o homem. Decidiu visitar o teatro novamente para resolver o problema, mas pensou que poderia esperar até regressar de uma viagem ao estrangeiro.

Enquanto andava na rua após esta decisão, ouviu uma voz desconhecida dizer: "E se ele morrer antes de voltares?" A Sra. Wade virou-se para ver quem falava, mas não viu ninguém. Pensou primeiro que era estranho para o século XX, e depois, como mulher, decidiu que não se deixaria ditar por ninguém, especialmente por alguém que tinha uma voz mas se escondia. A voz persistiu, dizendo: "Esta é a tua última oportunidade." No entanto, a Sra. Wade ignorou o locutor invisível e não foi a uma segunda representação de "Decameron Nights". A voz misteriosa tinha razão, pois enquanto ela estava no estrangeiro, Cowley Wright "morreu" depois de estar doente apenas dois ou três dias.

Durante anos depois, não conseguiu livrar-se da sensação de que Cowley Wright queria que ela fizesse algo. Iniciou uma investigação sobre o Espiritualismo, e num círculo o médium fez uma descrição perfeita de Cowley Wright e falou do seu retrato, que naquela altura a Sra. Wade mantinha na sua prateleira da lareira. Então começou a perceber que havia "alguma coisa" no Espiritualismo. Foi a muitas sessões, e Cowley Wright era sempre descrito. Depois os médiuns disseram-lhe que o ator "morto" escreveria através da sua mão. Desenvolveu a faculdade da escrita automática, e o ator que chamara a sua atenção deu ponto após ponto para provar a sua identidade até que ela ficou satisfeita.

Mais tarde, o dom da audição clara, ou clariaudiência, desenvolveu-se e o ator deu o nome de um amigo que tinha estado no palco com ele, e pediu à Sra. Wade que entregasse uma mensagem pessoal. Esta mensagem foi de grande ajuda para o amigo do ator "morto" num momento de crise.

A Sra. Wade queria um registo permanente da personalidade do seu guia, e perguntou-lhe se ele cooperaria se ela fosse ver Leah. Ele cooperou, pois assim que a sessão começou, Leah mencionou uma série de pontos que provaram à Sra. Wade que o seu amigo espiritual estava presente. Depois o artista disse: "Oito, dez e quinze anos." Leah perguntou à Sra. Wade o que isso significava e ela explicou: quinze anos desde que viu a atuação de Cowley Wright no teatro; dez anos

desde que recebeu a primeira mensagem espiritual dele; oito anos desde que começou a receber escrita automática dele.

Para indicar a sua profissão, o ator mostrou recortes de imprensa, deu a sua idade corretamente na altura da sua "morte" como trinta e três anos, e um esboço rápido foi feito na sua própria casa. A Sra. Wade disse ao seu guia que, embora estivesse encantada com o esboço, gostaria de mais prova da sua identidade, e pediu-lhe que se mostrasse com o turbante que usara em Drury Lane.

Cowley Wright concordou, e na sessão seguinte cumpriu a sua palavra. Leah disse: "Agora vejo-o a pôr um turbante. É ator. Vejo-o no palco. É uma peça que tem música – algo como 'Chu Chin Chow', mas não essa peça. Agora leva-me pela Strand... agora sobe Aldwych... agora estamos no Teatro Drury Lane... leva-me ao palco... a peça é 'Decameron Nights'." Cowley Wright pediu à Sra. Wade que desse ao excelente retrato dele toda a publicidade que pudesse, na esperança de que chegasse a pessoas que o conheciam.

É assim que um médium conheceu o seu guia. Eis como outro guia, um monge, Irmão Peter, posou para o seu retrato para satisfação do seu médium, Harold Sharp, que foi monge até descobrir que não tinha vocação, e deixou o mosteiro. O retrato tem a atmosfera da vida monástica, e mesmo que se faça uma máscara para esconder os ombros e a túnica, ali está ainda o rosto de um monge. A resignação está nos olhos, mas há também a bondade de alguém que já terminou com as tensões desta vida, mas não terminou com o mundo.

Este desenho foi feito no escuro enquanto Sharp estava em transe, e quando Leah terminou o seu trabalho, perguntou ao seu visitante espiritual: "Está certo?" O guia respondeu: "Está perfeito, exceto a boca. Confundiste a boca do meu médium, com os seus dentes falsos, com a minha. Vou tentar mostrar-me mais claramente." O médium foi então transfigurado e no escuro alterou a boca, observando o guia no fim que isso correspondia melhor à sua própria boca e o fazia parecer mais velho do que o médium – o que ele era na altura da sua passagem.

Agora, aqui está um ponto que mostra com que cuidado os guias trabalham e quão bem trabalham em conjunto para se tornarem claros a si mesmos e à sua missão. Quando Sharp foi informado pela primeira vez sobre o Irmão Peter, confundiu-o com um monge desse nome que conhecia no mosteiro onde servira. Depois Uvani, o guia de Eileen Garrett, mencionou o Irmão Peter. Então Arthur Ford, um famoso médium americano, disse a Sharp que ele estivera num mosteiro, e fez uma previsão do seu trabalho psíquico.

Mais tarde, o Irmão Peter disse que não era o monge desse nome que o seu médium conhecera no mosteiro, mas que vivera principalmente em Viena, onde o seu pai era membro da Guarda Imperial. Mas servira algum tempo em Inglaterra, dizendo que esteve em Camberwell, no sudeste de Londres, mas que a opinião pública era tão forte contra os católicos romanos naquela época que ele e outros monges tinham de usar roupa comum.

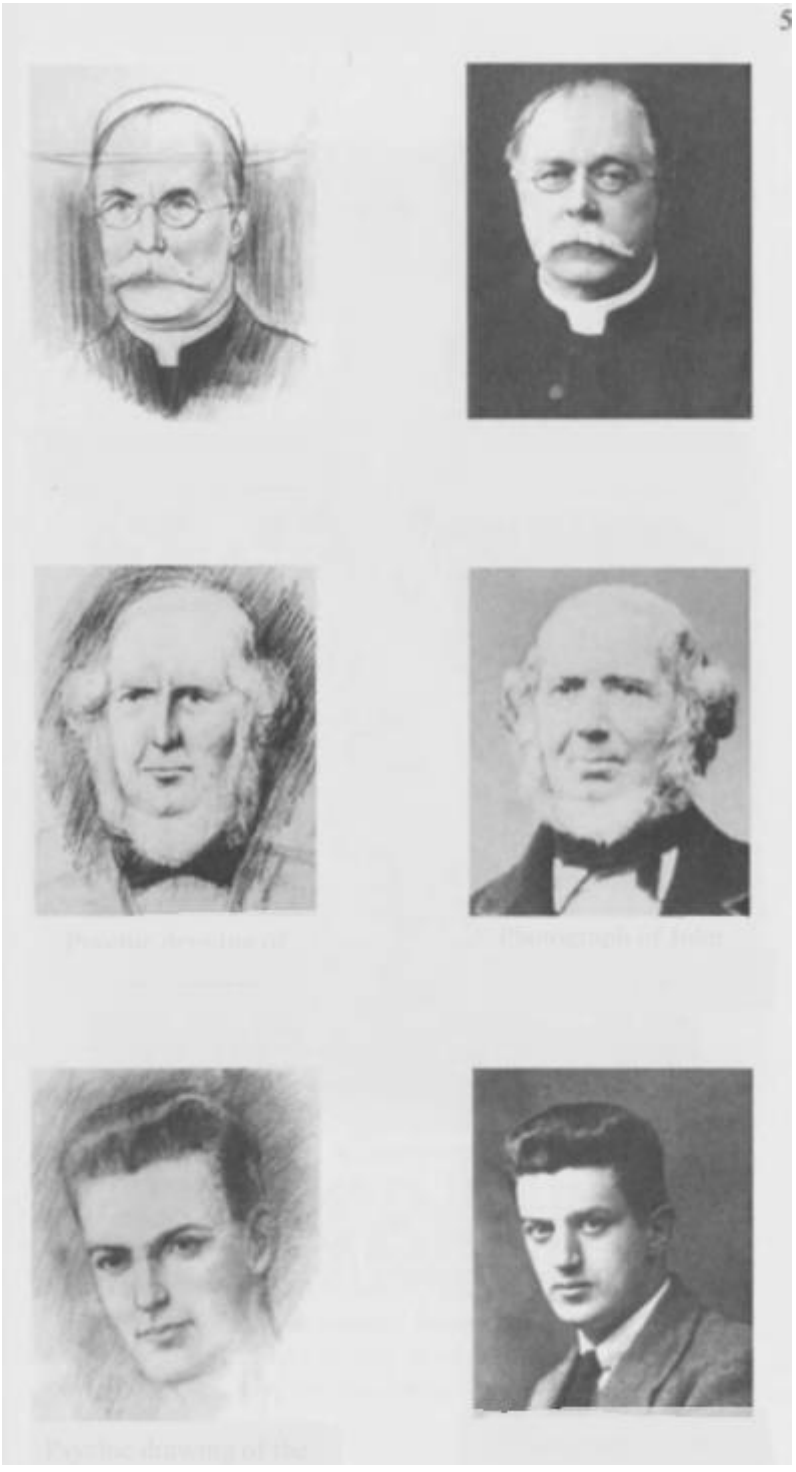
Sobre este desenho extraordinário, Leah conta uma boa história contra si mesmo, e a sua história mostra quão grande é a força em ação do Outro Lado. Quando Leah viu pela primeira vez o retrato do Irmão Peter no Psychic News, achou-o tão impressionante que o recortou e o colocou na sua prateleira da lareira. Fez isso tão rapidamente que não leu a legenda nem a história. Depois chamou um amigo e disse que estava tão impressionado com o desenho que percebeu que, finalmente, havia outro artista que sabia desenhar os "mortos". Então o seu amigo saiu, comprou uma cópia do Psychic News e depois telefonou para dizer que apreciava a piada, mas que se Leah lesse a história veria que estava impressionado com algo que ele próprio fizera!

Leah saiu para comprar outro jornal, e quando leu a história não conseguia acreditar. Não tinha recordação do desenho nem da história, embora tivesse fornecido os factos. Ora, eu conheço Leah, e embora normalmente ele tenha uma memória tenaz, isso nem sempre se aplica ao seu trabalho psíquico. Ele ainda mantém que, quando olhou pela

primeira vez para aquele retrato do Irmão Peter, pensou que era obra de outro artista. Naquela altura, não se recordava de o ter feito.

Miss F.V. Gregory went to see Leah and got this psychic drawing of her mother. As the medium foretold, it took five years to find the normal photograph – shown alongside.

This second psychic portrait was drawn in one minute, showing Mrs. Gregory at 72. Her daughter had the normal photograph which is printed for comparison (see page 31).



7
Médium Prova a Sua Sobrevivência

Se é um principiante, foi gradualmente levado à visão de que há mais neste Espiritualismo do que apenas dizer algo numa sessão que indicará ou mesmo provará a alguém que o conhece que ainda vive. Pouco a pouco, tentei levá-lo a uma visão alargada de ordem, propósito e sabedoria no trabalho daquele vasto exército de Espíritos que estão por detrás da humanidade a servir, embora desconhecidos da maioria daqueles que procuram ajudar.

Portanto, tendo perseverado até aqui, eis um caso de identidade espiritual provada através de uma série de factos que se entrelaçam num padrão complexo mas completo. Eis a revelação de uma personalidade que procura imprimir-se – e que consegue.

O Espírito cujo retrato, ou retratos, são objeto deste relato foi, nesta vida, um conhecido médium – Fred Edouin. Os factos são atestados em parte pela sua esposa, Irene Edouin, também médium, e por Leah. Havia esta dificuldade a superar: Leah conhecera ligeiramente Edouin antes de ele falecer. Portanto, era mais difícil desenhar um retrato probatório.

Leah tentou fazer um desenho de memória, mas embora treinado na observação, não conseguiu recapturar os traços do homem que conhecera. O relato do triunfo do artista e do médium "morto" é

melhor contado pela Sra. Edouin. Cinco ou seis vezes tentou escrever a história, mas foi para a cama ainda descontente com o seu trabalho. Na manhã seguinte, bem cedo, sentiu um toque no ombro, e o seu marido – que fora jornalista – pediu-lhe que se levantasse e tentasse novamente. Sem qualquer alteração, esta é a história que ela datilografou imediatamente após esse pedido:

"Gostaria de registar outra experiência que tive sobre os esforços do meu marido, Fred Edouin, para provar a verdade da comunicação, desta vez através da mediunidade do Sr. Frank Leah. No ano passado [isto foi escrito em 1939], o Sr. Leah assistiu a um círculo de voz em que o Sr. Edouin era o médium, e expressou o desejo de desenhar um retrato de um dos controlos, chamado Jack. Creio que durante o círculo o próprio Jack disse que gostaria muito que fosse feito.

O Sr. Leah teve a gentileza de vir a uma sessão com o Sr. Edouin, e o resultado foi um retrato esplêndido, considerado uma excelente semelhança por muitos que tinham visto Jack clarividentemente. Depois disso, o meu marido estava muito ansioso para que o Sr. Leah tentasse obter um do seu principal controlo, o Dr. Hylton, e finalmente uma sessão com o Sr. Leah foi marcada para 10 de outubro. Esta, no entanto, teve de ser adiada, porque o Sr. Edouin foi chamado por motivos de negócios.

"Desde então não tínhamos visto nem estado em contacto com o Sr. Leah. Após a passagem do meu marido, fui solicitada por muitos a registar as nossas experiências do círculo de voz, e quando comecei a reunir o material, percebi que ficaria incompleto sem um retrato do Dr. Hylton.

"Estava em Itália na altura e tencionava, ao regressar a casa, contactar o Sr. Leah com vista a uma sessão na esperança de poder obter a imagem. No entanto, não tinha nada disso em mente quando, na manhã de 6 de março, me sentei para enviar alguns postais que restavam a amigos. Partimos de Génova no dia quatro, e estávamos a aproximar-nos de Argel. Tinha terminado, pensava eu, quando me tornei intensamente consciente da presença do meu marido.

"Sabia que havia algo ou alguém que ele estava a tentar recordar-me, mas não conseguia perceber o quê ou quem. Peguei no meu livro de endereços, que se abriu sem razão aparente na letra 'L'. Percorri os nomes, mas nada me impressionou. Percorri lentamente o livro, mas ainda não entendia. Senti que ele ficava um pouco impaciente. Nesse momento, uma companheira de viagem aproximou-se e conversámos alguns minutos. Quando se virou para ir embora, derrubou alguns dos meus papéis da secretária, incluindo o livro de endereços. Quando nos abaixámos para os apanhar, lá estava o livro de endereços novamente na letra 'L'.

"Então, do resto, pareceu destacar-se o nome 'Frank Leah'. Num instante percebi que ele me estava a recordar o retrato do Dr. Hylton de que eu precisaria para o livro. Escrevi imediatamente ao Sr. Leah, expliquei as circunstâncias, e disse que lhe telefonaria quando regressasse. Quando cheguei a casa, o Sr. Leah telefonou-me e disse que tivera uma experiência muito notável em relação ao meu marido. Enquanto se concentrava tranquilamente na segunda-feira de manhã anterior, o Sr. Edouin tinha literalmente irrompido no seu quarto, cheio de energia e vida. O Sr. Leah estava fora de Londres na altura da passagem do meu marido e, recordando que não tinha escrito, disse: 'Está bem, escrevo à sua esposa.' Obteve a resposta: 'Não se incomode, ela está a escrever-lhe.' Ora, comparando notas, descobrimos que eu devia estar a escrever por essa altura.

"Falei sobre o retrato do Dr. Hylton, e o Sr. Leah disse: 'Certamente, mas há outra coisa que ele quer que eu faça. Ele vem ter comigo frequentemente, cada vez a mostrar-se como um homem muito mais jovem, de uniforme, com bigode, com cerca de vinte anos.' No entanto, procedemos à sessão para o retrato do Dr. Hylton e tivemos resultados surpreendentes, sendo a primeira sessão completamente bem-sucedida, mas durante tudo isso o Sr. Edouin continuou a mostrar-se de uniforme, e o Sr. Leah disse que sabia que tinha de fazer um retrato dele nessa fase.

É interessante explicar aqui que, quando o Sr. Edouin tirou uma fotografia de uniforme, com bigode, foi um ano antes de eu sequer o conhecer, e só vi essa fotografia uma vez, mostrada por uma irmã que a guardara como piada. Ele parecia tão completamente diferente com bigode, e só o usou durante algumas semanas.

"Na esperança de conseguir obter essa fotografia com ela, o Sr. Leah decidiu tentar obter a semelhança, e começámos as sessões para isso a 1 de abril, e pedimos a um cliente independente, o Sr. G. Howell Smith, que se juntasse a nós. Tínhamos uma boa luz vermelha na primeira sessão, mas do princípio ao fim, batidas e ruídos sucederam-se rapidamente num canto da sala, e uma vez pareceu haver uma tentativa débil de voz. Nessa sessão, o Sr. Leah delineou grosseiramente a cabeça e os traços, mas na segunda sessão começaram a acontecer coisas mais interessantes. Os fenómenos físicos cessaram, mas o Sr. Leah passou por uma série de transfigurações. O seu corpo e ombros expandiram-se. A cabeça começou a alterar a forma, e a testa alta era particularmente notável.

"Nesta fase, o Sr. Leah sentiu alguma dificuldade em decidir de que lado o cabelo tinha risca. Isto era muito interessante, pois o meu marido tinha o hábito de fazer a risca em lugares diferentes, raramente usando exatamente a mesma risca, e mudando frequentemente o estilo; acreditava que isso ajudava a evitar o enfraquecimento do cabelo, e como a calvície era hereditária na família, estava ansioso por evitá-la em idade precoce. No entanto, depois de a mudar várias vezes, o Sr. Leah decidiu-se pela esquerda, o que estava correto segundo outras fotografias tiradas por essa altura. O Sr. Leah fez dois esboços rápidos nesta sessão que mostravam semelhanças surpreendentes com fotografias tiradas nessa idade, mas não ficou satisfeito.

"A sessão seguinte ocorreu no sábado seguinte, e produziu evidência em assuntos que o Sr. Leah não poderia de modo algum saber. Queixou-se imediatamente de que tinha uma dor forte no olho esquerdo, e teve dificuldade em mantê-lo aberto. Sempre que o Sr. Edouin não estava bem, o seu olho esquerdo semicerrava-se. Durante os últimos meses da sua vida terrena, tornou-se extremamente

doloroso. A transfiguração era sempre muito evidente, e havia dor no corpo que parecia ter distendido o Sr. Leah a um estado de agudo desconforto.

"Nesta sessão, o desenho do nariz e da boca deu dificuldade, o que novamente era uma boa evidência. A forma da boca do meu marido era um pouco diferente nos últimos anos devido à remoção de todos os dentes superiores, dando os dentes postiços uma linha mais cheia à boca. Um acidente de automóvel causou um nariz partido que alterou bastante a linha de perfil, sendo um lado bastante aquilino e o outro lado um 'nariz de bull dog'.

"Uma coisa que notei, mas não mencionei, foi que o bigode não estava totalmente correto. Nesta terceira sessão, o Sr. Leah disse de repente, esfregando o próprio lábio: 'O bigode está totalmente errado.' Em cerca de cinco segundos corrigiu-o.

"O Sr. Leah ainda desejava mais uma sessão, e fiquei muito contente por ter a oportunidade de ter mais uma das experiências que tinham sido todas notáveis. Durante essas sessões, o Sr. Leah passou por todas as mudanças de traços que conheço, e posso provar, ao longo de vinte anos. Por vezes era como se uma máscara fosse segurada à frente do seu rosto; e o poder psíquico era tal que nem o Sr. Howell Smith nem eu conseguíamos mexer-nos. Na última sessão, o Sr. Leah foi mais uma vez removido da nossa vista e, construído à sua frente, através da condição de máscara, vi bastante distintamente o meu marido como era quando o conheci. Não há fotografia, tanto quanto sei, que se lhe assemelhe.

"No momento em que escrevo, embora tenha perguntado a todos os seus parentes, não consigo obter a imagem que ele tanto se esforçou por retratar. O retrato [o retrato psíquico de Leah] tal como ficou terminado, é notável. Considero-o uma semelhança notável, um triunfo para a prova do regresso do Espírito e da realidade da mediunidade do Sr. Leah."

Como muitas boas histórias, esta tem uma continuação. Pouco depois de estes factos terem sido relatados, Leah disse que uma semana antes do seu aniversário – que era a 27 de abril – viu Edouin no seu apartamento com o seu pai, de quem não ouvira falar antes. Entendeu que tinham vindo para fazer um retrato, por isso marcou uma sessão com a Sra. Edouin. Três dos participantes viram o pai de Edouin, além do artista. Quando o retrato foi terminado, o artista insistiu que os participantes o assinassem – mesmo antes de olhar para uma fotografia.

É uma semelhança esplêndida. Alguns dias depois, na manhã do seu aniversário, Leah viu novamente Edouin no seu apartamento, e o Espírito preocupou-o até que ele telefonou à Sra. Edouin e repetiu a mensagem que deu. Estava a transmitir a mensagem dizendo que o homem "morto" estava muito alegre e enviava os seus melhores votos, pois havia algo especial naquele dia. "Antes de falar," disse Leah, "devo dizer que hoje é o meu aniversário e a mensagem pode ter algo a ver com isso."

A Sra. Edouin respondeu que também era o seu aniversário naquele dia, e também o aniversário da sua nora. Fred Edouin levava sempre a família a jantar e ao teatro nesse dia, que era uma festa de família. Mais tarde nessa tarde, Leah estava a falar com outro guia espiritual que transmitiu os agradecimentos de Edouin por ter falado com a sua esposa naquela manhã, pois isso dera-lhe muita felicidade. Depois o Espírito falou de um embrulho 'engraçado' que tinha chegado, ou havia de chegar, pelo correio. Ela ia dizer mais, mas Edouin impediu-a.

Na manhã seguinte, o carteiro entregou o embrulho 'engraçado'. Era um presente de aniversário, uma caixa de cigarros, enviada pela Sra. Edouin. Ela sublinhou que era um presente do seu marido, e não dela. Disse também que, por volta da altura em que Leah estava a falar com o Espírito que mencionou Edouin e o embrulho 'engraçado', o seu marido viera ter com ela e insistira que ela saísse e comprasse o presente para Leah.

Nós podemos esquecer. Os "mortos" nunca se esquecem.

Ainda assim, os guias espirituais avançam para se provarem a si mesmos. O Dr. Letari é o guia de W. H. Lilley, o famoso curador psíquico, que sabia muito bem como ele se parecia antes de falar com Leah pela primeira vez ao telefone. Um amigo comum apresentou-os, e ao telefone Leah deu a Lilley uma descrição pormenorizada do seu guia, tão precisa que o curador disse: "Nunca ninguém me deu uma descrição tão precisa do meu guia." Todos os factos coincidiam com o que Lilley já sabia – que o médico "morto" era excecionalmente baixo, cerca de um metro e cinquenta e cinco, e que os seus olhos tinham um olhar intenso. Mas um ponto mencionado por Leah não foi admitido por Lilley – que o médico hindu usava bigode. Então marcou-se um encontro, e com o seu médium em transe, Letari disse a Leah que ele estava certo em relação ao bigode. Usou-o de 1910 a 1912, quando estava em Inglaterra a estudar cirurgia. Letari também confirmou todas as afirmações anteriores de Leah, incluindo o facto de ter falecido em Peshawar, na Passagem Khyber, na Índia.

Então Leah prosseguiu com o retrato, e quando o médium saiu do transe exclamou: "Esse é o médico." Bem, como vê, o retrato foi feito com o bigode em disputa, e quando os toques finais foram acrescentados mais tarde, o médico novamente colocou o seu médium em transe e, com a cortesia infalível dos "mortos", disse: "Se me der permissão, consideraria um privilégio assiná-lo." Segurando o lápis como se fosse um ponteiro, escreveu o seu nome nos símbolos da sua raça, indicando tanto a sua profissão como o seu estatuto. Acrescentou que se tivesse visto o retrato como o seu próprio reflexo num espelho, teria ficado satisfeito com o espetáculo.

Milhares de pessoas foram tratadas por Lilley, que é o instrumento de um grupo de médicos que não perderam o seu interesse por terem perdido os seus corpos. Em vez disso, cooperam e acrescentam ao conhecimento que aqui adquiriram o conhecimento maior que existe no Mundo Espiritual, onde um homem ou mulher naturalmente interessado na cura e treinado em qualquer técnica deve encontrar maiores oportunidades de servir.

Pode muito bem imaginar que, quando um paciente vê o retrato de um médico que, embora "morto", ainda vive e cura, fica um pouco encorajado a continuar, pois por mais que todos digamos que temos fé quando estamos no auge do entusiasmo nascido da aquisição de alguns factos novos, todos gostamos de ser encorajados – especialmente por um 'sinal'. Há pouco melhor para o tranquilizar do que ver o rosto daquele em quem confia, embora sejam apenas algumas linhas num pedaço de papel. É assim que somos feitos, e é por isso que os guias espirituais se dão a um trabalho infinito para garantir que temos a evidência de que precisamos para nos aliviar no nosso caminho neste mundo.

É um lugar-comum para os Espiritualistas experientes que há mais evidência do que pessoas prontas a recebê-la, e também que há mais guias treinados e à espera de cooperar connosco aqui do que médiuns ou instrumentos. Isso faz parte da explicação de por que muitos médiuns têm de ser levados por um longo caminho, por vezes, para chegar ao seu verdadeiro trabalho na vida, embora, claro, a maioria não veja na altura em que passa por dificuldades que isso faz parte de um plano.

8
Coventry Patmore Regressa

Isto é uma ilustração do que quero dizer. J. Deighton Patmore, neto do poeta do século XIX, Coventry Patmore, era um homem muito rico. Agora é um curador, bem conhecido pelo uso de lâmpadas de cor curativas que inventou. O desenvolvimento da cura de Patmore e a prova da Sobrevivência do seu avô estão ligados um ao outro.

É aí que o retrato de Leah é valioso. Durante dias, o poeta "morto" apareceu ao artista, instando-o a visitar o seu neto. No fim, Leah telefonou a J. Deighton Patmore dizendo que tinha de o ver. Tudo o que o artista pediu quando chegou foi uma pequena mesa – e silêncio. Estava tenso, e ficou algum tempo a olhar para o tapete, a sua cabeça seguindo uma linha imaginária que, por hábito, Deighton Patmore sempre percorria quando lidava com um problema ou quando ditava. Leah explicou mais tarde que viu Coventry Patmore a percorrer essa linha com as mãos atrás das costas, um maneirismo favorito quando preocupado com alguma coisa. O neto copiara inconscientemente o hábito.

Então Leah, em dois minutos e meio, fez o retrato do poeta que lhe pedira para visitar o seu neto. O desenho é uma semelhança impressionante com a fotografia com que é comparado – mas que ele não viu até o seu trabalho estar terminado. O retrato não se parece com a pintura de Sargent na National Gallery.

Deighton Patmore sabe que o seu avô o está a inspirar no seu trabalho, e não se interessa pela repreensão – como a que lhe foi enviada num recorte de jornal – de que o túmulo do poeta está negligenciado. Sabe que o poeta, cujo passatempo aqui era a cor, ainda está vivo, e está a trabalhar com ele para curar.

A cura de Deighton Patmore começou após uma série de pesadas perdas financeiras que o reduziram à pobreza. Além disso, estivera doente. Como sempre, quando se atinge a crise, a solução aparece. Quando Patmore estava no seu ponto mais baixo, tornou-se consciente de uma força nos seus dedos. Não a compreendia, mas ficou impressionado com a ideia de que podia curar pessoas. Descobriu que, com massagem, conseguia, em poucos minutos, afastar a dor. As suas primeiras experiências com lâmpadas de ondas de cor foram feitas para fins decorativos. Depois descobriu que também tinham poder de cura.

Um dos seus primeiros pacientes foi uma mulher que era surda há cerca de doze anos. Os médicos disseram que era incurável. Enquanto

Deighton Patmore a tratava, os ruídos que ela ouvia na cabeça há anos pararam. Depois ouviu normalmente, e ficou tão excitada que o curador acendeu uma lâmpada de cor para a acalmar. Patmore e a sua secretária, que nada sabiam de Espiritualismo, ficaram surpreendidos quando a paciente entrou em transe, e uma voz masculina profunda falou através dela, dizendo-lhe para continuar o seu trabalho, no qual seria ajudado do Outro Lado. Embora a identidade da voz não tivesse sido dada, a semelhança com a maneira de falar do curador sugeria que era um parente. Primeiro pensou que era o seu pai. Depois percebeu que era o seu avô, Coventry Patmore. Isso iniciou a investigação do curador sobre o Espiritualismo, e cedo ficou convencido de que o seu poder vinha de ajudantes espirituais. Vários médiuns descreveram-lhe o poeta "morto", e um disse que Deighton Patmore escreveria um livro e o publicaria. Riu-se disso, mas o seu livro Mirrors of Life foi publicado.

Portanto, vê, está tudo ligado. Não há compartimentos estanques no caso da Sobrevivência. Uma faculdade esbate-se noutra, um tipo de evidência gera outro, e o trabalho de um médium entrelaça-se com o de outro, e a grande e benéfica verdade é espalhada para toda a humanidade partilhar.

Essa é a história de um poeta. Agora aqui está a história de um camponês, ou melhor, de um negociante de gado. Stephen Knowles, de Bridgwater, Somerset, escreveu este testemunho do valor do trabalho do artista psíquico: "Frank Leah não me conhecia de lado nenhum, no entanto, em cinco minutos, desenhou o meu pai, que faleceu em 1915." Knowles ouviu Leah dar uma palestra com projeções sobre o seu trabalho, e pediu uma sessão. O resultado foi o retrato, e diz Knowles: "Quando mostrei o esboço de Leah ao filho favorito do meu pai, que não sabe nada de Espiritualismo, e lhe perguntei: 'Isto lembra-te de alguém?', o meu irmão respondeu: 'Claro, é o Pai.'

"Noutra sessão, Leah fez um esboço excelente da minha mãe 'morta', mas infelizmente não há fotografia para mostrar em comparação. O médium descreveu a quinta de dois andares onde os

meus pais viveram, e disse que via gado. O meu pai era negociante de gado. Leah descreveu com precisão o estado final da minha mãe e acrescentou: 'Vejo um broche dragão georgiano.' A minha mãe usava como broche uma peça de cinco xelins montada que mostra São Jorge e o dragão. O médium também me disse a data da sua passagem, 1894, e acrescentou que ela tinha quarenta e quatro anos e 'morreu' após um parto. A minha mãe faleceu dez dias depois de eu nascer."

Não se pode imaginar factos como estes; não se pode imaginar um negociante de gado a viver numa quinta de dois andares. O primeiro tipo de homem que se esperaria viver numa quinta seria um agricultor. E depois tem de adivinhar a sua aparência, e assim por diante, até que, se for razoável e estiver preparado para enfrentar os factos, tem de admitir que a causa do Espiritualismo está provada mesmo apenas com os casos de Sobrevivência neste livro. Não importa onde escolha – todos os factos estão lá. Depende de nós o que fazemos com eles.

Claro que, se lhe apetecer, ainda pode encolher os ombros e dizer: "Bem, e daí?" Há uma resposta até para essa atitude, como para todas as reações aos factos. Aqui está a resposta aos Tomés duvidosos que têm de ser convencidos contra a sua muralha de obstinação. Está nas palavras da Sra. F. D. Thain, de Normanshire Drive, Chingford, Londres Leste, que disse, depois de ver o retrato de Leah do seu marido "morto": "Ao contemplar o retrato, senti como se estivesse a ver o meu marido finalmente após uma longa separação. A tentação de pegar no retrato nos braços era quase irresistível, tão realista era. Pode alguém ousar dizer, após tal evidência vinda de um estranho, que depois da morte somos menos que nada? A imaginação ou o jeito para a ficção nunca, em um milhão de anos, teriam dado uma evidência tão avassaladora e precisa."

A Sra. Thain ouviu falar da mediunidade de Leah pela primeira vez através do Psychic News, a agência que trouxe consolo a dezenas de milhares. Era uma estranha para o médium quando se conheceram. Acreditava que o seu marido estava seguro e feliz, mas disse: "Precisava desesperadamente de alguma prova mundana da sua

existência continuada. Agora tenho uma prova duradoura da sua Sobrevivência. Ninguém me poderá tirar isto."

Como acontece muitas vezes, o primeiro contacto com Leah foi por telefone, quando o médium deu uma descrição precisa do homem "morto". Leah disse que ele não era uma vítima de guerra, e fez este comentário – pois frequentemente se reproduz no seu próprio corpo a dor e as condições da passagem daqueles que se apresentam para retratos – "Ele teve algum problema nos pulmões porque sinto uma terrível dificuldade em respirar. O seu coração estava esforçado." Depois a idade foi dada como vinte e quatro anos. Esta é a opinião da Sra. Thain sobre essa descrição: "Tão perfeitamente verdadeira. Ninguém poderia tê-lo descrito assim mesmo quando estava na terra em carne. As minhas últimas dúvidas persistentes desapareceram."

Embora o artista não tivesse modelo, nem fotografia em que se basear, completou um esboço quando a Sra. Thain o visitou. Esta é a sua opinião sobre ele: "A semelhança com o meu marido durante os seus últimos dias na terra era sobrenatural. Como fui a única presente na sua chamada 'cama de morte', isso constituiu prova suficiente mesmo para o mais cético."

Depois Leah começou a fazer alterações ao esboço porque, disse ele, no seu estado original o considerava um lembrete demasiado grande da dor. Ao terminar as alterações, sentiu "uma terrível punhalada no coração, pulso acelerado, fraqueza nos joelhos". Alguns dias depois, a Sra. Thain visitou novamente o artista, e enquanto ele transmitia algumas mensagens recebidas do seu marido, sentiu a mesma punhalada no coração. Embora estivesse em sofrimento, insistiu em fazer mais alguns ajustes no retrato.

É provável que Leah, um homem de temperamento sensível e vasta experiência, inventasse uma encenação para impressionar uma mulher em busca de evidência de que o homem que ama ainda vive? É provável que ele pudesse imaginar onde estaria a dor? É provável que tudo seja imaginado ou resultado de conluio? Nem todos os vivos são tolos, nem os "mortos" são estúpidos. Estes factos são coisas vivas

com que o mundo tem de contar. São verdadeiros; são úteis; afastam a ignorância; acalmam os medos do coração pesaroso; dão nova esperança onde a esperança jazia esmagada; e enxugam as lágrimas daqueles que não podem viver sem a calorosa companhia humana que se encontra no amor.

Tendo provado tudo o que reclamamos, passamos a provas ainda maiores, porque nunca acaba.

Nenhum membro da família Teverson, de Mount Park Avenue, South Croydon, Surrey, alguma vez encontrou Frank Leah, com exceção do filho mais novo, que foi ao seu estúdio buscar o retrato acabado do seu irmão, John, que faleceu durante o surto de febre tifoide em Croydon. No entanto, isto é o que a mãe disse: "Todos os meus parentes e amigos que viram o esboço reconheceram imediatamente o meu filho. Uma amiga, ela própria artista, acha que Leah não poderia ter feito um retrato melhor se o meu filho tivesse posado para ele."

Isso é um grande elogio, mas a evidência apenas começou. A única vez que falaram foi ao telefone, cerca de uma hora depois de Leah ter recebido uma carta dela a pedir uma sessão para daí a um mês. Nessa carta, ela também pedia uma sessão para um amigo, Frank Derham, para alguns dias depois.

Logo após ter recebido o bilhete, Leah telefonou do seu apartamento no oeste de Londres para a Sra. Teverson em Croydon, dizendo que estava com ele um jovem que sabia ser seu filho. Pediu-lhe que arranjasse um lápis e papel e anotasse a descrição clarividente que então dava. Leah disse que o jovem era alto, magro, tinha cabelo castanho, com risca à esquerda, naturalmente ondulado, usava um bigode à Ronald Colman, e tinha dentes muito brancos e bem cuidados.

Descrevendo o jovem como um rapaz devido à sua aparência juvenil, Leah disse que o via sorrir, e deduziu que trabalhava num escritório, gostava de desporto, e ia casar em breve. A Sra. Teverson

reconheceu tudo isto como uma descrição perfeita do seu filho que "morreu" em 1937 aos vinte e nove anos. Era contabilista, e iria casar-se três meses após a data da sua passagem. A sua casa estava quase pronta.

Então Leah disse que estava a fazer um esboço do jovem. Na quinta-feira seguinte, o artista telefonou novamente para dizer que o rapaz se mostrara mais uma vez às duas da manhã, mas de outro ângulo. Mais uma vez, a natureza probatória do trabalho de Leah é mostrada pelo seguinte: Frank Derham, para quem a Sra. Teverson marcara uma consulta por carta, compareceu no dia em que Leah telefonou a dizer que John Teverson se mostrara novamente.

Quando Derham viu o esboço no cavalete, reconheceu-o imediatamente pelas muitas visões psíquicas que tivera dele, pois estava então a desenvolver-se como médium. Mas nunca conhecera John Teverson, nem nunca vira uma fotografia dele, embora fosse membro do mesmo círculo Espiritualista que a Sra. Teverson. Ela guardava todas as fotografias do seu filho numa gaveta.

A Sra. Teverson é Espiritualista, claro, mas todos os factos estão lá para mostrar que nem o tempo, nem a distância, nem o facto de o artista nunca ter encontrado um homem em carne e osso podem impedir que um excelente retrato seja feito, desde que as faculdades psíquicas e as habilidades artísticas estejam presentes.

As duas imagens – o retrato psíquico e a fotografia – mostram o quanto o artista captou a personalidade do jovem que deixou esta vida quando estava prestes a começar a vivê-la plenamente.

Um minuto não é muito tempo. Mas foi tempo suficiente para a Sra. K. M. Ring, de Newbury, Berks, ouvir Leah dar uma descrição pormenorizada da sua filha e desenhar um retrato dela. Isto aconteceu quando a Sra. Ring visitou o artista no aniversário da sua filha "morta". Embora Leah seja crítico do seu trabalho, considera este retrato uma realização notável, pois raramente ele, embora seja um trabalhador rápido, faz um desenho a tal velocidade. Pensa que o

ritmo e a precisão neste caso se devem à forte sintonia alcançada entre ele próprio e a rapariga espiritual. Leah disse: "Ela estava tão ativa que não resisti a fazer outro esboço na presença de uma pessoa responsável."

Este desenho, feito quatro dias após o primeiro – quando a mãe estava presente –, diz ele, é uma semelhança ainda melhor. A rapariga "morta", para mostrar o quanto está viva, impressionou a sua mãe com o desejo de um terceiro retrato, e indicou qual a expressão que desejava ver retratada. Para ajudar o artista, mostrou-se em várias poses, incluindo um perfil, o que faz parte da evidência, pois Rhoda era sempre sensível quanto ao tamanho do seu nariz, e Leah reproduziu essa característica. Mas no Mundo Espiritual, Rhoda já superou a sua sensibilidade.

Quando a Sra. Ring visitou o artista pela segunda vez, encontrou o terceiro retrato terminado, mas Rhoda ainda estava ativa, tão ativa, disse Leah, que "há muito tempo um comunicador não se mostrava em tantas posições diferentes nem dava tão pouco trabalho. Foi uma grande experiência. Poderia ter feito pelo menos mais dois retratos dela."

Mas a Sra. Ring vai mais longe, e diz que o retrato de frente é uma semelhança mais verdadeira do que a fotografia que é impressa para comparação.

Há, como sempre, um pouco mais neste relato. No dia anterior à sua primeira visita a Leah, ela escreveu uma carta de aniversário para a sua filha, e deixou-a aberta sobre a sua cómoda. Depois foi ter uma sessão com Joseph Benjamin, o médium do leste de Londres, através de quem Rhoda se provou de muitas maneiras, repetindo também o conteúdo da carta de aniversário. Prometeu também um retrato, e poucas horas depois cumpriu a sua promessa. Mais tarde, a Sra. Ring encontrou a palavra 'Rhoda' escrita no verso de uma carta na sua bolsa. Agora é uma Espiritualista entusiasta.

9
Criança que Voltou

Que o laço entre mãe e filho não é rompido quando o cordão de prata se quebra é provado por este exemplo de Shirley Ann Woods, de seis anos, que regressou para provar a sua Sobrevivência à sua mãe. Shirley Ann "morreu" em 1939, embora os melhores cuidados médicos disponíveis tivessem sido dispensados a ela. A Sra. Woods era católica romana. O seu marido, contabilista, era agnóstico.

Pouco depois de a pequena ter falecido, ele iniciou uma investigação sobre o Espiritualismo, e numa sessão recebeu evidência impressionante sob a forma de mensagens dela. Para a Sra. Woods, a palavra da sua Igreja era lei, e a lei de Roma é que o Espiritualismo é proibido. Os padres escreveram muito sobre o Espiritualismo, e o seu veredito, por uma estranha coincidência, é unânime – contra ele. O editor do Psychic News encontrou a Sra. Woods e disse-lhe que estava surpreendido por uma mulher altamente inteligente, com uma perspetiva do século XX, permitir que padres lhe ditasse regras e assim a compelissem a abdicar da sua razão numa questão tão vital. Num longo argumento, a Sra. Woods defendeu o seu ponto de vista católico romano.

Muitas vezes acontece que, quando os opositores do Espiritualismo, ou aqueles que não investigaram, estão mais firmes na sua crença teórica de que é infundado, estão mais próximos da convicção. Essa é a minha experiência, e no caso da Sra. Woods certamente se verificou, pois pouco depois deste argumento ela leu o livro de Arthur Findlay, The Psychic Stream, que conta a origem e a fonte da fé cristã. O seu marido estava a lê-lo, e a Sra. Woods ficou curiosa, por isso espreitou-o casualmente a princípio, depois leu todas as 1159 páginas. Como mulher, perguntou ao marido porque é que ele não lhe tinha falado dele!

Isso foi um passo mais perto da investigação, mas na verdade isto era pouco ortodoxo, pois Roma não aprova que os fiéis leiam livros perigosos como os escritos por Findlay. Pouco depois de iniciar

a sua ronda de sessões, a Sra. Woods leu também os melhores livros que encontrou sobre o Espiritualismo. Nem todas as sessões foram igualmente bem-sucedidas, mas em seis meses foi recolhida evidência suficiente no saco da memória para provar que há uma vida para além da sepultura e que as mãos quentes de uma criança e os olhos claros e inquisidores não perdem o seu brilho para a argila fria.

Enquanto a Sra. Woods prosseguia a sua busca, o seu marido analisava toda a sua evidência, para que o estímulo do entusiasmo não a levasse para além dos limites do conhecimento seguro. O passo seguinte foi telefonar a Leah – da sua casa em Elstree – mas o artista estava ocupado. Por isso telefonou novamente, às 11 da noite. Não foi dito ao artista o que ela queria, mas ele informou a Sra. Woods de que ela procurava um retrato da sua filha. E descreveu-a exatamente, notando o seu "cabelo escuro e húmido", descreveu os seus olhos, a sua figura esbelta, a tez pálida, o olhar penetrante, e depois delineou o seu caráter.

A esta altura, a mãe estava convencida de que Leah estava a olhar para Shirley Ann. Ele sugeriu que a Sra. Woods viesse dentro de três dias, tempo durante o qual pensava poder desenhar o que vira. Com a Sra. Woods foi o seu filho de três anos – que não se parece com a irmã – e assim que chegaram ao estúdio Leah começou a desenhar. Mas o pequeno era uma distração. Três dias depois, a Sra. Woods visitou o artista sozinha, e o retrato foi concluído. Não há fotografia como este esboço, que a mãe descreve como uma "impressão maravilhosa". O artista foi induzido a desenhar uma falha na franja, que era uma característica no cabelo da criança, algo que uma mãe se lembraria. Leah também quis desenhar um laço. A mãe não conseguia compreender até que olhou para uma ampliação de uma fotografia, e descobriu que a aparência de "laço" era causada por algo usado por um pequeno rapaz que estava atrás da sua filha.

Ora, o seu marido, que foi o primeiro a convencer-se, mostrou-se cético em relação a esta última evidência quando a sua esposa lhe falou sobre ela, mas prometeu ir buscar a imagem. Também ele ficou impressionado quando a viu. Como acontece tantas vezes com este

médium, Leah ficou tão comovido com mais pormenores que fez um segundo retrato mostrando os olhos invulgarmente penetrantes de Shirley Ann para alguém tão jovem, a formação da sua boca, e a inclinação da sua cabeça. O pai estava no estúdio quando este retrato foi feito sem ajuda de qualquer fotografia ou instantâneo – ou mesmo do primeiro desenho psíquico. A pequena não só se mostrou, como também mostrou fotografias espirituais de si mesma. Mais um ponto que Leah não poderia ter adivinhado, mas que desenhou – a criança em ambos os desenhos usa um vestido xadrez. Mais tarde, os pais produziram imagens da sua filha a usar esse vestido xadrez.

O fim desta história é que a pequena falou do retrato de Leah de si mesma quando, poucos dias depois, a sua mãe teve uma sessão com Estelle Roberts.

É uma distância considerável na mente humana do agnosticismo à crença, ou do catolicismo romano à crença na Sobrevivência, mas é, de facto, não mais longe do que a distância da suposição ou negação ao facto. Para alguns, o caminho é interminável; para outros, são poucos passos.

Acha que há alguma evidência numa chávena de chá? O Sr. G. K. Blaylock, de Leamington Avenue, Burnley, pensa que sim, pois quando visitou Frank Leah, o artista começou a desenhar um retrato da sua esposa "morta". "Ela está a dizer-me," disse o artista, "para lhe fazer uma chávena de chá." E parou o desenho e fez chá. Ora, a evidência nessa chávena de chá é que Blaylock gosta muito de chá e a sua esposa disse que estava sempre a fazê-lo para ele. É em pequenas coisas como essa que as maiores verdades estão escondidas, pois pouco a pouco se constroem até apresentarem um quadro tão convincente como qualquer desenho feito por Leah.

Neste exemplo também a evidência da Sobrevivência foi confirmada por um retrato de uma mulher que ele descreveu com precisão como determinada, irascível, e amante de animais que era intolerante com aqueles que não o eram. Disse também que ela era de constituição robusta, cerca de um metro e cinquenta e cinco, e tinha

uma dentadura postiça completa. A resposta do marido a todos esses pontos foi "correto". Depois saiu do estúdio para um compromisso de negócios, e quando regressou Leah tinha completado um segundo retrato inteiramente diferente.

O artista ainda não tinha visto uma fotografia da mulher "morta", mas quando o segundo desenho foi feito, era óbvio que se assemelhava notavelmente a uma imagem tirada quando a Sra. Blaylock era muito mais jovem. Foram dados mais dois pontos de evidência. O médium sentiu dores fortes abaixo dos joelhos. A Sra. Blaylock sentiu essas dores antes de falecer. "Depois," disse o artista, "a sua esposa 'morreu' como resultado de um ataque cardíaco ao ar livre." O marido respondeu "Verdade", e aquele cuja evidência começou com uma chávena de chá terminou com uma chávena cheia da felicidade que vem do reencontro com a pessoa que ama.

Um retrato psíquico, superando uma fotografia em semelhança pormenorizada, foi desenhado por Leah quando a Srta. A. Wagstaff, de Hemingford Road, Cheam, Surrey, visitou o seu estúdio após a "morte" do seu irmão. Mas antes disso, quando telefonou para marcar uma consulta, foi informada – para seu "total espanto", disse ela – da sua relação com o jovem de quem desejava o retrato, a sua idade, e o ano em que faleceu. A Srta. Wagstaff tinha duas fotografias do seu irmão, mas comparando-as com o trabalho do artista, diz: "Nenhuma contém nada parecido com o pormenor mostrado nos retratos do Sr. Leah." O primeiro esboço foi feito em menos de dez minutos após a Srta. Wagstaff chegar ao estúdio. "Quase fala," disse ela, mas em relação ao segundo afirmou: "Se possível, melhor do que o primeiro."

Mais uma vez, aqui o médium sentiu em algum grau as dores sofridas pelo jovem antes de falecer – dores no coração e um enfraquecimento gradual da voz. Para a família Wagstaff há agora o consolo de dois excelentes retratos – e a certeza de que o filho vive, como provou, pois um homem que não existe dificilmente pode posar para o seu retrato.

Há outra família mais feliz porque Leah serve fielmente a luz que recebeu. Não há nome aqui – apenas as iniciais A.P. É assim que o desejam, mas a família de A.P. – também em Surrey, o mesmo condado que os Wagstaff de Cheam – tem o consolo de uma semelhança de um jovem oficial do exército que "morreu" enquanto estava de licença em agosto de 1941. Então A.P. telefonou ao artista, que lhe era desconhecido. A família A.P. nada sabia de assuntos psíquicos. Mas quando o pai perguntava a Leah ao telefone por uma consulta, foi dada uma descrição.

"Fui informado," disse A.P., "com pormenor fiel, da passagem de um parente próximo cuja morte foi sem dúvida apressada pela notícia da tragédia maior anterior." Ambos os homens faleceram após uma explosão. O pai, A.P., acrescentou: "Seguiram-se os sexos e idades das duas jovens vítimas, a explosão e sua localização, e a descrição de dois carateres indiretamente envolvidos." Esta conversa durou 40 minutos e deixou o pai, como ele disse, "decididamente surpreendido". Nessa mesma noite, novamente ao telefone, Leah deu ao pai pormenores "de natureza familiar, também certas características faciais e maneirismos que estabeleceram definitivamente a figura descrita como sendo a do nosso filho."

No dia seguinte, o pai visitou o artista e encontrou à espera um esboço de cabeça e ombros do seu filho. Na presença do pai, foi terminado, mas nenhum pormenor foi alterado. Após o que descreveu como uma "experiência invulgar", A.P. aceitou como "indisputável em toda a linha, e a comparação da fotografia do nosso filho, tirada aos vinte anos, com o esboço psíquico aos vinte e três, é prova suficiente, se tal fosse necessário, da grandeza do trabalho do Sr. Leah."

Ambos eram de Surrey, mas ambos estão no mesmo Mundo Espiritual, e embora as hipóteses de estes dois jovens se encontrarem em vida fossem remotas, ambos tiveram de vir ao estúdio do médium-artista de cuja existência nem sequer poderiam ter sonhado antes de falecer. Ora, consegue imaginar como em dois lares a certeza do reencontro substitui o medo e o vazio doloroso que vem da incerteza?

"Tive uma prova espantosa de que a personalidade sobrevive à morte," escreveu a Sra. Frances L. Clarke, de Blendon, Bexley, Kent, depois de Leah desenhar o retrato que a sua mãe sempre prometera, mesmo antes de "morrer". A Sra. Clarke escreveu também: "Sempre me entristeceu que a minha única fotografia da minha mãe fosse uma imagem tão triste e abatida. Ela dissera muitas vezes, desde a sua passagem, que eu deveria ter uma dela tal como ela realmente era."

Como quase sempre acontece, o primeiro contacto foi feito por telefone, quando o artista disse que via um homem e uma mulher, mas que a Sra. Clarke queria um retrato da mulher. Depois disse que a mulher "morrera" no início da última guerra [Primeira Guerra Mundial] quando a Sra. Clarke tinha pouco menos de dez anos. A mãe faleceu em janeiro de 1915; a criança tinha nove anos e cinco meses.

Numa conversa telefónica posterior, o artista deu uma descrição pormenorizada da mãe, falando do seu rosto emagrecido, olhos fundos, e boca contraída, resultado do sofrimento. No entanto, embora continuasse a ver esse rosto, o artista disse que queria desenhar uma imagem feliz, com boca e olhos risonhos. Este era o tipo de imagem que a Sra. Clarke sempre desejara, a imagem do Além. Mas disso Leah nada sabia na altura, mas sabia que a mãe fazia o cabelo em coque. Dissera-o ao telefone, e disse-o enquanto o desenhava no esboço, mas a filha negou. Então, o coque foi removido – e reinserido novamente.

Leah tinha razão, pois a Sra. Clarke mais tarde encontrou uma fotografia da sua mãe e, para seu grande embaraço e alegria de Leah, lá estava um coque. Também no retrato está um brinco, que embora não seja mostrado na fotografia do 'coque', é probatório, pois a Sra. Clarke lembra-se de que a sua mãe os usava por vezes.

Assim, a partir de pequenas coisas como fazer o cabelo em coque e usar brincos, a evidência cresce e, para além de qualquer possibilidade de engano ou erro, os "mortos", ligados apenas pelo laço

da afeição, cumprem a sua promessa e mantêm o elo invisível, mas mais forte do que a dor ou o sofrimento.

A sala de sessões é o grande nivelador – e o grande dissipador de ideias falsas, de preconceitos tolos. Uma visita a um círculo probatório geralmente impressiona o observador atento pelo menos com a opinião de que não é uma sociedade de admiração mútua, e que muitas coisas que não poderiam ser contestadas aqui são criticadas ali sem rancor, e não deixam um sentimento de ressentimento.

Essa observação vem da minha própria experiência, e é reforçada pelo que aconteceu à Sra. Louie Hill, uma médium de cura. Ela ouviu Frank Leah transmitir mensagens espirituais do seu pai, que dizia ser rigoroso quanto às observâncias religiosas e que a sua filha passara muitos domingos sombrios em criança. A Sra. Hill chegou a esta evidência quando procurou um retrato do seu guia. Alguém lhe disse que devia tentar Leah, mas ela rejeitou a ideia.

Dois dias depois, estava a fazer compota quando de repente pôs em perigo toda a fervura ao ir ao telefone e chamar Leah. Direta ao assunto foi a Sra. Hill. "Sou Louie Hill," disse. "Consegue ver alguma coisa ou alguém comigo?" Leah foi igualmente direto, pois descreveu imediatamente o seu guia. Disse também que havia um parente com o guia, mas a Sra. Hill não perguntou sobre isso, e Leah não disse quem era. O artista ofereceu-se para, se lhe dessem uma hora, descobrir mais sobre os dois "mortos" que vira.

Uma hora depois, a Sra. Hill estava novamente ao telefone, e Leah disse-lhe: "Desde que me ligou, tive uma longa sessão com o seu pai. Ele tem-me contado tudo sobre a sua vida e a vida dele." Seguiu-se então a descrição, que a Sra. Hill reconheceu, e ela também confirmou as afirmações sobre a rigorosa observância religiosa e os domingos sombrios.

Leah relatou, ainda ao telefone, que o homem "morto" lhe estava a mostrar uma corrente de relógio "com uma história". Isso tocou uma corda da memória, pois quando era pequena, a Sra. Hill encontrou

uma garra de tigre, que deu ao pai. Quando começou a trabalhar numa ourivesaria, uma das primeiras coisas que fez com as suas pequenas poupanças foi mandar montar a garra em ouro. O seu pai colocou-a na corrente do relógio, que usava todos os dias até partir para a terra onde as correntes de relógio não são necessárias. Assim, a garra de tigre regressou a ela. Era a única possessão do seu pai que ela queria.

Todos estes factos foram dados ao telefone, e quando a Sra. Hill visitou Leah no dia seguinte, o artista mostrou-lhe dois esboços, um do seu guia e um do seu pai. Ela reconheceu ambos. O guia vira-o frequentemente por clarividência, e o esboço, disse ela, assemelhava-se a uma pintura dele feita algum tempo antes.

O pai da Sra. Hill continuou a dar-lhe evidência, falando da forte antipatia da família pelo Espiritualismo. Então foi mostrado a Leah, do Mundo Espiritual, uma imagem do pai tirada quando era muito mais jovem. A Sra. Hill negou isto, dizendo que só existia uma fotografia do seu pai, tirada cerca de três meses antes do fim. A Sra. Hill visitou Leah no dia seguinte, e em poucos minutos ele desenhou um retrato cheio de vida. Enquanto fazia isto, Leah sentiu as sensações da última doença do pai.

Na sua bolsa, a Sra. Hill tinha a fotografia tirada do seu pai três meses antes de ele "morrer", e quando as comparou disse: "É o Pai absolutamente." Quando o seu marido viu o desenho, ficou tão impressionado que afirmou: "É uma imagem exata dele tal como ele parecia pouco antes da sua passagem. É como se Leah o conhecesse intimamente."

Então o Sr. Hill sugeriu que a comparassem com outra fotografia tirada trinta anos antes de ele falecer. Só então a Sra. Hill se lembrou de que tinha a fotografia que o seu pai mostrara clarividentemente a Leah. Portanto, mais uma vez o artista estava certo – porque estava a relatar o que era aparente à sua visão psíquica, enquanto a cliente se baseava na memória, que nem sempre é fiel.

10
Dois Filhos Regressam à Mãe

Uma mãe foi a Frank Leah para obter o retrato psíquico de um filho que deu a sua vida num voo sobre a Alemanha – e recebeu em vez disso a semelhança viva de outro filho que faleceu nos combates na Birmânia. A mãe é a Sra. M. S. Hollington, de Cranford Lane, Westbury-on-Trym, Bristol. Escreveu a Leah a pedir uma sessão sem dizer porquê. Mais tarde telefonou, e como já leu tantas vezes antes, ele começou a dar uma descrição do seu filho, um aviador, disse ele, com um longo bigode para os seus vinte e um anos.

"Morreu", disse o médium, no primeiro mês da guerra. O seu avião foi abatido. A Sra. Hollington disse que todos os factos estavam como Leah afirmara. Depois a mãe visitou o estúdio londrino do artista e, diante dos seus olhos, Leah reviveu as agonia da passagem do jovem aviador. Já documentei isto muitas vezes neste livro, mas deve tentar perceber o que significa sentir as dores de outro, dores que não precisa de suportar, mas que devem ser suportadas em tantos casos do primeiro regresso daqueles que alcançaram as margens da terra prometida, pois no seu contacto com este mundo revivem as suas próprias experiências.

Pergunta: "Porquê?" A resposta é que essa é a lei. Não a fiz, nem nenhum guia espiritual nem nenhum médium. Está lá. Acontece que os sensitivos do tipo de Leah pagam um preço elevado pelo serviço que prestam à humanidade. E tudo para enxugar as lágrimas daqueles que choram porque amam. Se algum padre fizesse tanto, o mundo ressoaria com a história da reprodução dos estigmas. Mas porque um médium espiritualista o faz no decurso do seu trabalho, é dado como certo. E espreita sempre nos bastidores a disposição fétida de antigas leis do Parlamento que tornam tais homens proscritos e sujeitos, ao capricho de qualquer delator comum – e quão comuns eles são – a

processo por adivinhação. Um dia, uma procissão de todos aqueles a quem foi provado o dom inestimável do Espírito marchará para o Parlamento, e dali para a grande abadia não muito longe, para declarar que uma grande nação não deve mais envergonhar-se penalizando aqueles que realizam uma tarefa tão sagrada.

Por vezes Leah sofre em intensidade pormenorizada cada momento da passagem de homens como o jovem Hollington. E enquanto a sua mãe observava, o aviador "morto" disse através dos lábios de Leah: "Fui abatido após um voo de reconhecimento sobre a Alemanha. O meu corpo caiu do avião com os outros. O meu corpo foi dado à costa alemã nove semanas depois." Então o artista foi ao seu cavalete para desenhar o jovem que via e cuja história de morte acabara de contar. Em menos de um minuto o desenho estava feito – mas não era o rosto que vira tão claramente. Numa vida que se vive sempre no invulgar, Leah teve agora a estranha experiência de ter a sua mão controlada.

Com a Sra. Hollington estava a sua filha, e quando viu o retrato disse: "É o Bob," e a mãe exclamou: "Conseguiu o meu outro filho." Leah ficou tão surpreendido como as duas visitantes. Depois disse: "Este rapaz estava vivo na Birmânia há três meses. Oiço Rangoon, Pegu, Prome." Disse que era oficial de um regimento do condado. "Isso é verdade," disse a mãe. "Foi dado como morto, mas eu esperava que pudesse estar vivo."

Leah explicou que o facto de ter desenhado o retrato desta forma anormal mostrava que este filho também falecera. O artista disse também que fora informado psiquicamente de que a Sra. Hollington iria a outro lado para encontrar corroboração desta afirmação. Isto também foi admitido, pois a mãe disse que tinha uma consulta com Estelle Roberts. Foi-lhe pedido que não dissesse nada sobre a sua visita ao estúdio para tornar a sua próxima sessão mais probatória.

Três dias depois, Leah, que desenhara um irmão em um minuto, teve grande dificuldade em desenhar o outro que vira tão claramente.

Tudo o que Leah dissera no seu estúdio foi confirmado na sessão com Estelle Roberts. Embora John Hollington tivesse provado a sua Sobrevivência à sua mãe através deste médium algum tempo antes da sua visita a Leah, Estelle Roberts nada sabia da razão desta segunda visita. John foi o primeiro a manifestar-se através do médium. Confirmou tudo o que acontecera no estúdio de Leah, e explicou como o artista chegara a desenhar o seu irmão.

Disse: "Fiquei de lado para deixar o meu irmão mostrar-se. O Bob está comigo. Está muito agitado." Depois foram repetidas as mensagens que a Sra. Hollington recebera através de Leah. Como evidência adicional para mostrar que estavam no estúdio quando o retrato do Bob foi desenhado, contaram como ele hesitara antes de colocar a insígnia no ombro do Bob, e da dificuldade que Leah tivera inicialmente com a forma como o cabelo de John estava arranjado de um lado.

Nem tudo são lágrimas nas sessões. Geralmente, quando as lágrimas são enxugadas, há um riso, e veio um quando um filho perguntou à mãe: "Gostaste do retrato que o Leah te mostrou da sua jovem?" A Sra. Hollington riu-se desta recordação da sua conversa com Leah, durante a qual ele lhe mostrou uma imagem da sua 'jovem', uma amiga que tem apenas cem anos.

Através de Estelle Roberts, Bob Hollington fez a afirmação definitiva de que "morreu" no Extremo Oriente, e foi também dito à mãe que recebera os retratos psíquicos dos seus dois filhos em quatro dias. Depois ela produziu estas imagens, e embora o médium nunca tivesse visto as fotografias, disse imediatamente qual era qual.

Finalmente, a Sra. Hollington enviou ao Psychic News os desenhos espirituais e as fotografias para comparação, e escreveu: "A fotografia de Robert não foi vista pelo Sr. Leah. Tenho três filhos adultos que são muito críticos e peneiram toda a evidência principalmente porque odeiam a ideia de que eu seja enganada e levada pelo pensamento ilusório. Consideram os desenhos 100 por cento perfeitos.

"Sempre me opus à ideia de tornar pública qualquer experiência psíquica que tive através da perda dos meus dois rapazes maravilhosos, mas John disse-me para o divulgar por causa de outras mães. Afinal, se não tivesse visto os outros desenhos psíquicos no Psychic News, nunca teria ouvido falar do Sr. Leah.

"Gostaria de expressar a minha gratidão pela consideração que me mostrou e pela grande ajuda que me deu. As suas informações e descrições foram perfeitas."

Talvez esteja à procura da falha neste relato. Talvez ache estranho que a Sra. Hollington tenha ido a dois médiuns. Antes de ir ao estúdio do artista, era uma estranha para ele, e caso ainda tenha reservas e pergunte se Leah e Estelle Roberts se conheciam e combinaram tudo entre eles, a resposta – para além do facto de não poderem saber o que a mãe não sabia – é que os dois médiuns são estranhos e nunca se encontraram, nem mesmo casualmente.

No Espiritualismo, uma evidência leva a outra. Quando Arthur E. Smith, de Wolverhampton, viu no Psychic News o desenho psíquico do Dr. Letari, o médico hindu "morto" que cura através de W. H. Lilley, isso deu origem a esta carta que conta a história da sua esposa a fazer um pedido de sessão com Leah. Esta é a carta de Smith: "Há algum tempo, lembra-se talvez, fiz-lhe um pedido para o endereço do Sr. Frank Leah, o conhecido artista psíquico, e foi tão amável de lhe passar a carta para mim. O pedido era da minha esposa, que partira para o Espírito dois anos antes, tendo este pedido sido recebido através da escrita automática da minha filha à mesa de chá, enquanto ela e eu discutíamos o seu desenho publicado do Dr. Letari.

"O Sr. Leah foi bastante amável de me dar uma sessão algum tempo depois, e embora já tenha tido sessões para vários tipos de fenómenos, creio que este médium dá uma conceção mais maravilhosa da mediunidade do que qualquer outro que encontrei até agora. Não menosprezo nenhum outro médium, mas fui definitivamente para obter um desenho da minha esposa, que é tão real para mim, e percebo

que provavelmente está mais próxima de mim do que em qualquer altura dos nossos trinta e três anos de convivência, incluindo vinte e quatro anos de vida conjugal.

"Consegui o meu desenho do artista, mas, acredite, antes de o artista estar muito tempo no trabalho, o desenho já se tornara secundário em relação à filosofia e clarividência do médium. Houve certamente alguma dificuldade causada pela excitação do Outro Lado, e o desenho não pôde ser terminado no primeiro dia. Mas como estava em Londres, sentei-me no segundo dia e tudo ficou bem, como se pode julgar pela cópia do desenho que envio.

Quanto à clarividência do médium, foi certamente maravilhosa, começando pela risca do cabelo. Claro que isso era uma coisa que eu podia verificar imediatamente. Quanto à boca, notará que a fotografia tem os lábios ligeiramente separados, mas a minha esposa sempre considerou que esta fotografia mostrava uma boca muito dura e não a sua boca natural. A sua ideia sobre isto foi certamente confirmada pelo desenho espiritual.

"Quanto aos olhos, creio que nenhum mortal poderia ser mais real do que o desenho do médium, pois são perfeitos. Receio ser um daqueles observadores desatentos que poderiam viver com uma mulher para sempre e nunca saber a cor dos seus olhos, mas isto foi-me dado pelo médium, e foi plenamente confirmado pelo passaporte da minha esposa, que foi emitido em maio de 1939.

"Garanto-lhe, Sr. Editor, que não foi dada qualquer ajuda ao artista por mim, e certamente neguei alguns dos pontos na clarividência, o principal dos quais foi a forma como a minha esposa fazia o cabelo. Protestei com o artista que ela não fazia o cabelo baixo nas laterais da testa, mas ele estava certamente positivo no que sabia. Creio que, quando terminou, deve ter pensado que eu era maluco, pois certamente não lhe dei ajuda. A sua mediunidade provou estar 100 por cento correta em cada pequeno pormenor, como pode julgar por si mesmo pelas cópias anexas da fotografia psíquica e da fotografia original.

"Por favor, não pense que fui a Frank Leah por prova, não fui. Fui a pedido específico da minha esposa do Espírito para que um desenho fosse feito dela por Frank Leah, para ser pendurado na sua própria casa. Ela disse-me do Espírito que não se alterara nada nos dois anos desde que partira, e que estava mais viva do que nunca estivera na terra. Deu-me em muitas ocasiões a causa da sua morte física, e isto foi plenamente confirmado por Frank Leah."

Ninguém poderia saber melhor do que o Sr. Smith se era a sua esposa, e mesmo quando ele se esqueceu da cor dos seus olhos, o passaporte dela apoiou o médium. Estes são factos dos quais não pode escapar.

"Demasiado maravilhoso para ser verdade." Foi o que Vera Jeffries, de Augustus Road, Wimbledon Park, sudoeste de Londres, disse do retrato de Frank Leah do seu amigo, H. Wharton-Wells, B.Mus., F.R.C.O., LR.AM. Disse-o quando ele lhe falou em voz direta numa sessão para a qual a Sra. Jeffries foi convidada por uma amiga. Leslie Flint, o médium para a voz direta, estava de curta licença do Exército, por isso não podia dar muitas sessões. O seu guia apresentou Wharton-Wells, que se dirigiu a ela, dizendo que ela duvidava da imagem, mas que era ele. E ela respondeu que era verdade que duvidara, pois "era demasiado maravilhoso para ser verdade."

Como evidência adicional, o músico disse que a sua amiga tinha nove fotografias dele na sua bolsa, e "mais uma coisa minha." Ele tinha razão, pois a 'outra coisa' era um lápis de ouro.

Ora, foi assim que começou. Wharton-Wells conhecia a Sra. Jeffries e o seu marido há muitos anos. Há cerca de doze anos foi viver com eles, e tornou-se quase um membro da família. A Sra. Jeffries é Espiritualista e tentou interessá-lo. Mas ele tinha opiniões ortodoxas sobre religião. Era então organista da Igreja Paroquial de Putney. Mas um dia o seu filho adoeceu subitamente e foi submetido a uma operação de emergência no hospital. Isso foi à tarde. Às 18h45 do mesmo dia, recuperou e disse claramente: "Vêm buscar-me às quinze

para as doze." A enfermeira disse: "Não se preocupe. Está delirante." Apesar da sua opinião, o jovem faleceu exatamente às quinze para as doze, e a primeira brecha foi feita na ortodoxia do pai.

Cerca de três meses depois, visitou o túmulo do seu filho em Buckinghamshire, acompanhado por Vera Jeffries, que colocou algumas ásteres sobre a sepultura. Isto não foi mencionado a ninguém. No dia seguinte, Wharton-Wells e Vera Jeffries estavam numa sessão quando o filho se materializou, aproximou-se do pai e disse: "Olá, Pai. Agradece à Vera pelas ásteres. Estive contigo no túmulo ontem."

Então o pai começou a estudar o Espiritualismo, e a convicção que alcançou da sua verdade permaneceu com ele até falecer em maio de 1942. Nove meses antes de "morrer" escreveu: "Depois de deixar esta esfera, tentarei vir ter contigo." Conseguiu tão bem que Vera Jeffries achou "demasiado maravilhoso para ser verdade," e foi assim que aconteceu.

Há algum tempo, Vera Jeffries sentiu um impulso para telefonar a Leah, e embora tivesse ouvido falar muito dele, não se tinham encontrado. Também o médium não conhecera Wharton-Wells. Ali mesmo ao telefone Leah descreveu o músico, dizendo que era "um homem académico, que estivera na opinião pública e ligado à Igreja". Entre os pontos físicos dados estavam o bigode e a barba que, disse o médium, costumavam ser mais compridos e castanho-escuros. Isso foi confirmado por Vera Jeffries.

Quando foi ao estúdio do artista no dia seguinte, viu o retrato terminado. A semelhança era surpreendente para ela, e Leah disse que tinha a impressão de que o homem que desenhara queria falar-lhe em voz direta. Já leu que assim fez.

Na casa de Vera Jeffries havia uma imagem de que Wharton-Wells nunca gostou. Prometeu dar-lhe uma fotografia que coubesse na moldura. O retrato de Frank Leah dele cabe exatamente na moldura. O encaixe da imagem na moldura pode ser coincidência, mas nada mais neste caso poderia ser assim explicado, pois tudo se entrelaça no

padrão de evidência desenhado pelas mãos daqueles que regressam para provar que não estão "mortos".

11
Esta Verdade Está a Crescer

Há muitos que zombam do Espiritualismo e, claro, dos Espiritualistas, como sendo homens e mulheres ignorantes e, apontando-lhes o dedo do escárnio, dizem que nunca produziram qualquer obra de arte, que não escreveram nada que se possa chamar literatura, nem, segundo se alega, inventaram nada de valor duradouro para o mundo. A resposta, em parte, é que os Espiritualistas são homens e mulheres comuns que, após investigação e reflexão sobre os factos observados, se tornam – Espiritualistas.

Acreditam na Sobrevivência demonstrada após a morte, em oposição àqueles que têm uma conceção vaga baseada em algumas referências nas escrituras. Portanto, qualquer homem ou mulher, seja alto ou baixo, intelectual ou apenas um daqueles que tornam o mundo confortável para outros, tem probabilidade de se tornar Espiritualista. Nunca se sabe quando se ficará convencido, mas pode-se sempre saber quando não se ficará convencido – recusando antecipadamente permitir que o seu julgamento seja movido pelos factos.

Portanto, não é surpreendente que o Espiritualismo cresça, e que haja Espiritualistas onde quer que haja homens e mulheres livres para investigar. Há muitos que preferem que os seus nomes não sejam revelados, por razões que só eles conhecem, embora eu não consiga pensar em qualquer razão para impedir alguém de reconhecer o que é verdadeiro e da maior ajuda para a humanidade. Ainda assim, isso é para decisão individual, e quando aqueles que poderiam ter uma desculpa para não revelar a sua convicção o fazem, orgulhamo-nos de o mencionar.

Quando alguém na opinião pública se torna, digamos, um convertido a Roma, é noticiado na Imprensa Católica Romana, e

frequentemente noutros jornais também. Não ouvi dizer que isso lhes seja desfavorável, ou que se suponha mostrar qualquer sinal de falta de juízo. Mas há muitos que se sentaram na sala de sessões e acolheram os seus parentes e amigos "mortos". No entanto, pedem-nos que o mantenhamos em segredo – por enquanto. O presente rapidamente se torna passado, e é esquecido, e o valor do testemunho de mais uma pessoa perde-se.

Sempre me oponho a tal sigilo – a menos que haja uma razão para além do pessoal, ou que possa prejudicar outros. No entanto, continuo a achar errado esconder uma verdade, e reter o reconhecimento a este trabalho que merece justamente. Portanto, enquanto o número de Espiritualistas cresce, também cresce o total de crentes secretos. Já não vivemos na Idade das Trevas – embora vivamos nas idades do apagão – e se não fossem as lutas daqueles que nunca evitaram a publicidade – e por vezes tiveram de a procurar para fazer ouvir as suas vozes – o mundo saberia pouco hoje da única plataforma comum em que todas as nações se podem encontrar – o Espiritualismo.

Leu até aqui sobre pessoas de todas as classes que tiveram a sua dor aliviada pelo toque do Espírito. Tentei tornar o caso tão amplo quanto possível, contando novamente as histórias de pessoas como todas nós conhecemos, recebendo os factos que as compeliam a admitir que aqueles que amam vivem para além da sepultura. Há outros que ocultaram a sua evidência, embora aceitassem a sua verdade.

Mas não acrescentaria ao propósito deste trabalho nomeá-los e iniciar uma controvérsia sobre as razões do sigilo. Os que mais pedem a publicação do facto de que vivem são os "mortos". São os mais insistentes. Na maioria das vezes, a insistência vem daqueles que nesta vida ou negaram o facto da Sobrevivência ou não investigaram. Porque se tornaram dolorosamente conscientes da perda causada pela ignorância, regressam para confortar os que ficaram – e para espalhar o conhecimento que lhes permitiu fazê-lo.

Pode parecer simples como o apresento – espero que seja – mas torna-se complicado nas mãos de muitas pessoas que começam a ver razões pelas quais só elas deveriam manter as suas histórias ocultas. Abraham Lincoln era um Espiritualista praticante e não conseguia compreender porque deveria haver qualquer discussão sobre isso; limitou-se a dizer que os relatos das suas sessões eram apenas metade dos factos. Mas a Rainha Vitória – que com o seu criado das terras altas, John Brown, como seu médium permanente, falava todas as semanas com o Príncipe Alberto – não publicou o facto, e os seus diários foram destruídos.

Há ocultação nos altos lugares, e é contra este sigilo que Leah tem frequentemente protestado. É artista e médium, e espera que, quando presta os seus serviços – frequentemente por uma pequena retribuição – aqueles que ficam tão encantados no seu estúdio fiquem igualmente encantados em dar a conhecer os factos. A verdade nunca prejudica a longo prazo, e se aqueles que estão convencidos de que isto é verdade sentem que sofrerão alguma oposição por serem honestos, então estão na melhor companhia, pois essa é a experiência natural e universal de todos os que trilham novos caminhos.

Eis uma que não se escondeu atrás da posição: a Dra. Margaret Vivian que, como todos nós, tem de ganhar a vida. Há tanto preconceito na profissão médica como em qualquer outro lado contra o Espiritualismo, mas ela registou as suas experiências, e foi a médium através de quem foi produzido um excelente livro Espiritualista. O seu guia é um jovem oficial britânico que foi morto durante a Guerra Sul-Africana. A sua identidade foi provada através de vários médiuns, incluindo o fotógrafo psíquico, John Myers.

Quando a Dra. Vivian foi a Leah, era, como todos os outros, uma estranha, no entanto, trabalhando no escuro, produziu estes três desenhos impressionantes. O seu pai era um pároco, que evitava usar o colarinho 'de cão', e para fins probatórios ele mostra-o no canto direito. Embora usasse óculos, como este esboço mostra, a Dra. Vivian não tem fotografia dele a usá-los. O desenho da sua mãe é uma peça de retrato cheia de vida.

Se disser que duvida destes desenhos, então tem de desafiar todo o trabalho, pois as fotografias comparativas mostram sempre a semelhança básica, embora, claro, ninguém com qualquer perceção do valor do trabalho de um artista esperaria reprodução fotográfica no trabalho normal. Há outro nome para isso. Mas o ponto que defendo é este – que se um artista não psíquico faz uma interpretação individual de um cliente, é aclamada; portanto, quando os "mortos" – os vivos "mortos" – posam para Leah, ele está a ver não o que se poderia esperar, mas uma personalidade vibrante que vem com um propósito.

Os "mortos" cooperam como os vivos nunca podem. Podem sugerir que características estão sub-representadas ou exageradas, e ajudam com os pequenos pontos de personalidade que sabem que serão reconhecimento para os seus parentes. Portanto, ao avaliar os aspetos puramente técnicos deste trabalho, é bom ter isto em mente. Cada retrato tem uma história, cada um tem uma mensagem, e essa mensagem é que os "mortos" vivem.

Um dos heróis da incursão à base naval alemã em St. Nazaire, na costa atlântica francesa, regressou ao seu pai e posou para o seu retrato no estúdio de Leah. O jovem, cujo nome não é dado, porque na altura em que este relato foi escrito o pai ainda estava a investigar o Espiritualismo e desejava manter o seu nome em segredo, era um tenente da marinha. O London Gazette, descrevendo a ação que lhe valeu uma menção nos despachos, referiu-se à sua "intrépida devoção ao dever no canhão da proa da lancha motorizada que liderava a coluna do porto... completamente desprotegido face ao fogo intenso a curta distância, mostrou uma serenidade inabalável até ser morto no seu posto."

Mas isso não foi o fim. O seu pai veio a Londres e telefonou a Frank Leah para marcar uma consulta. Enquanto conversavam, o artista descreveu o jovem tenente. No seu estúdio, no dia seguinte, o artista esboçou a cabeça e, na sua carta a descrever a sua evidência, o pai escreve: "Mesmo nesta fase, já conseguia ver a semelhança do

meu filho." Alguns dias depois, o pai sentou-se com a médium, Annie Brittain, e através dela o seu filho comunicou.

A médium referiu-se ao retrato falando de "um esboço que tem que lhe agradou". Quando o retrato foi terminado e o pai regressou a casa, escreveu sobre ele: "É um retrato maravilhoso. Eu e outros que conheciam bem o meu filho consideramo-lo uma obra inspirada, um retrato melhor do que qualquer fotografia que tenho dele. É uma obra maravilhosa, e trouxe consolo à esposa do meu filho, a mim e a outros que o conheciam e se importavam com ele."

O jovem tenente e Leah nunca se tinham encontrado neste mundo. Ele veio de outro mundo para confortar aqueles que amava. Pode avaliar o seu caráter, e que ele estaria ansioso por regressar, a partir deste excerto de uma carta que deixou quando partiu para o serviço ativo:

"Querido Pai – Quando receberes esta, já saberás as notícias. Por favor, não percas a esperança. Sabes que há uma vida depois desta, e eu tenho a certeza disso. A vida é apenas uma fase passageira, e embora pareça tão longa, é na realidade apenas um curto intervalo na eternidade. Por favor, tenta estar alegre, e tenta manter o ânimo da minha esposa. Por favor, lembra-te de que morri, espero, para que o mundo pudesse ser um lugar melhor."

E é também nessa esperança que este livro foi escrito.

Pode ter lido a famosa história de Oscar Wilde, O Retrato de Dorian Gray, em que o retrato vivo se transforma. Agora aqui está a história de um facto – o retrato psíquico de um grande médium – William Hope, o fotógrafo espiritual, de Crewe, que foi transformado enquanto duas pessoas observavam. Uma era Frank Leah, o artista; a outra era Betty Shaw. Esta é a sua história.

Ela teve uma sessão com Hope, levando consigo um pacote de placas fotográficas seladas. Abriu o pacote na câmara escura, rubricou

as placas, e carregou a máquina. Foram tiradas três fotografias, e das duas imagens psíquicas extra claras que apareceram, reconheceu uma.

Depois de Hope "morrer", Betty Shaw diz que ele regressou a ela através de três médiuns. Então desejou ter uma imagem do seu guia, e pediu a Leah que a fizesse. Ele era para ela o que fora para os outros – um estranho. Thomas Wyatt, outro médium, concordou em sentar-se com eles para fornecer poder extra. Então a sessão começou. Wyatt estava em transe. Como acontece tantas vezes, Leah sentia dor, não a sua própria dor, mas a dor de outro que regressava a este mundo.

Estavam no escuro quando Leah disse a Betty Shaw: "Onde o seu rosto deve estar, está o rosto de um homem tão bem iluminado que tenho de o desenhar." O artista tocou então no seu rosto e descreveu em pormenor o rosto que vira sobreposto ao dela. Acendeu a sua lanterna, que dá uma luz vermelha ténue, e desenhou rapidamente. Betty Shaw estava ansiosa por ver o seu guia, e quando os traços cresceram no painel exclamou: "Mas esse é o Billy." Leah disse bruscamente: "Não me dê nomes."

Betty Shaw conhecera Hope. Leah não, mas ambos ficaram de pé e observaram este acontecimento surpreendente. Ela descreve-o: "Enquanto observava o desenho, sem a mão do artista o tocar, ambos notámos que os traços estavam a alterar-se. Assumiram uma expressão de extremo sofrimento."

O retrato demorou cerca de sete minutos a desenhar, e quando as luzes foram acesas, Betty Shaw produziu uma fotografia de Hope que sempre trazia consigo. Ninguém sabia disto, e ela diz: "A diferença entre esta fotografia e o retrato a carvão de Leah é que a minha fotografia é de frente e com boné, enquanto o desenho o mostra de três quartos sem chapéu. A semelhança é indiscutível."

O guia de Wyatt disse, antes de as luzes serem acesas, que as pessoas espirituais estavam satisfeitas com uma experiência muito bem-sucedida, e numa sessão posterior, quando Leah perguntou porque é que ele, que nada sabia de Hope, fora escolhido desta forma

invulgar para fazer o seu retrato, foi-lhe dada esta resposta: "Quando procurámos meios de reivindicar este grande guerreiro que sofreu tanta perseguição no seu trabalho por nós, mesmo desde que passou para o outro lado, procurámos o único meio de provar os seus traços através de uma fonte independente da fotografia. Foi por isso que o escolhemos. Queríamos que os traços do Billy fossem dados através de um lápis – através de um médium que não tivesse qualquer conhecimento deles. Ao fazê-lo, cumprimos o nosso objetivo. Ele deu prova incontestável da sua Sobrevivência."

É assim que o Mundo Espiritual considera os seus guerreiros, os homens e mulheres que aliviam o peso do coração do mundo. Assim como Hope trouxe prova incontestável da Sobrevivência a milhares, espero que esteja convencido de que esta história da mediunidade de Frank Leah fez o mesmo. É a razão da sua vida e do seu trabalho, e ele não pede outra recomendação.

Este é o único caso do seu género, em que o artista psíquico, depois de fazer um retrato, cooperou na modelação de um busto tão cheio de vida que o filho, que começou por ser anti-Espiritualista, ficou profundamente afetado pelo resultado. Tudo começou quando a Sra. Harold Richardson, da Carolina do Sul, uma americana casada com um canadiano, visitou Leah para uma sessão durante a qual ele fez um esboço rápido em dois minutos e meio. O desenho revelou-se de um velho impressionante com barba.

Os seus ombros tinham uma inclinação pronunciada, e a cabeça uma forma invulgar. Quando a cliente, a nora do homem "morto", se foi embora, Leah chamou um amigo escultor, A.J. Stevenson, que perguntou a Leah se tivera novas experiências. Leah disse que desenhara uma cabeça muito invulgar e, depois de a descrever, fez dois desenhos rápidos. O escultor disse que tinha a certeza de que o artista se enganara na forma dos ombros e da parte de trás da cabeça. Mas, após alguma discussão, modelaram o busto em barro em conformidade com a descrição de Leah.

Ora, o artista nada sabia do marido da cliente, para além do seu nome e do facto de ser antagonista ao Espiritualismo. Portanto, quando foi ao hotel dos Richardson para mostrar a imagem que desenhara, Richardson disse: "O que quer? Não o posso atender." Leah respondeu que não queria nada exceto mostrar a imagem, e quando o fez, o homem que era antagonista ao Espiritualismo exclamou: "Mas esse é o meu pai." O seu pai era o Arcediago Richardson, D.D., da Diocese de Huron, Ontário, que também era bem conhecido nos Estados Unidos como pregador.

Quando o filho perguntou porque é que o seu pai se mostraria, Leah disse que era porque se preocupava com a sua saúde, indicando que o filho sofria de problemas de estômago. Richardson negou inicialmente que houvesse algo de errado. Depois admitiu que sofrera muito com algum problema interno. Ficou tão impressionado que combinou encontrar-se com o artista no estúdio do escultor dois dias depois para ver o busto. Antes de ele chegar, Leah pediu ao homem das tarefas que fosse à Woolworth comprar umas pincenez (óculos de encaixe), dizendo-lhe que se não se apressasse não as arranjaria.

O homem voltou surpreendido com a 'informação privilegiada' de Leah sobre o estado do mercado de pincenez na Woolworth – pois comprara o último par. Quando Richardson viu o busto terminado, com as pincenez, expressou novamente o seu espanto. Depois de ultrapassada a surpresa e de ter admirado a obra, Richardson deu a Leah uma carta dizendo que todas as afirmações feitas por ele eram precisas. Achou também o busto tão bom que decidiu mandá-lo fundir.

Mais tarde, quando o escultor comparou o busto com desenhos e fotografias do homem "morto", admitiu o seu erro, e disse que Leah estivera certo quanto à forma da cabeça, e também à inclinação anormal dos ombros. As fotografias foram enviadas da América pela esposa, que, numa carta entusiástica, contou como ela e o marido receberam confirmação da Sobrevivência do arcediago numa sessão de voz direta. Não só o pai e a mãe de Richardson lhes falaram, mas

também cinco outras pessoas, e tanto o pai como o filho ficaram tão alegres que choraram.

O Espiritualismo é para todos os homens e mulheres, para todas as raças e para todos os tempos. Não importa quão humilde seja, nem lhe dá qualquer preferência se é o que o mundo chama de poderoso. A única reivindicação a este conhecimento é que o procure, e na proporção da sua real necessidade, e na proporção da sua sinceridade e empenho, ele é dado nas condições certas e no momento certo. Esta verdade é algo que não pode perder; não pode ser refutada com argumentos; não pode ser legislada para fora da existência, embora em tempos mais sombrios da história não muito distante do mundo os médiuns tenham sido queimados na fogueira ou expulsos das terras que procuravam servir.

A única coisa errada com o Espiritualismo é que não há dele suficiente, e isso porque há demasiado poucos médiuns. Mas isso é algo que a humanidade pode remediar encontrando entre os seus centenas de milhões o exército relativamente pequeno daqueles que estão dispostos a ser treinados como instrumentos do Espírito. É verdade que o organismo psíquico tem de estar presente, mas isso é rapidamente descoberto e simplesmente desenvolvido. Resta apenas desdobrar as faculdades e testar o caráter, e então começa uma grande obra, uma obra que gera um livro como este, que mesmo que considere mal escrito, apresenta no entanto a evidência.

Francamente, nós Espiritualistas somos propagandistas no melhor sentido desse termo tão ridicularizado – pois procuramos espalhar o que sabemos ser verdadeiro no interesse dos nossos semelhantes. Não temos outra causa a servir. Não há fortunas nesta causa. Há pouca glória a ganhar, e há muito trabalho árduo, muitas vezes no silêncio e na obscuridade dos lugares onde só o pioneiro floresce. Ouvir alguém dizer: "É verdade. Eu provei" – essa é a recompensa que procuramos. Na sequência dessa convicção segue-se uma série de atos que ou o colocarão no caminho da evolução do homem espiritual – ou falhou em perceber a luz que brilha através destes factos.

Esta é uma grande e solene obra, embora não pesemos sobre os espíritos daqueles a quem nos aproximamos com o peso das religiões ortodoxas. É solene, pois trata da própria base da vida, porque toca a fonte do pensamento, da vontade e da ação humana; e é grande porque toca todas as facetas da vida e não deixa nenhuma inalterada.

No entanto, é com alegria que nos movemos em direção ao primeiro século do nosso serviço à humanidade, um século em que nenhuma infâmia deixou de ser explorada para rebaixar o nosso propósito e falsear os nossos factos. Para sua vergonha duradoura, aqueles que deveriam ter acolhido a nossa mensagem com alegria foram os primeiros a atirar pedras. Mas o tempo vingou-se, e aqueles que procuraram colocar a marca da falsidade na testa deste movimento estão eles próprios negligenciados, despojados do seu antigo poder, e agora a procurar desesperadamente uma maneira de resgatar as suas fortunas. É tarde demais. A maré passou, e com ela a armada das suas esperanças de dominação mundial.

Agora amanhece um novo dia, um dia há muito planeado por aqueles que do Mundo Espiritual sempre estenderam a mão da amizade a quem se quisesse alistar na tarefa de erguer as escamas dos olhos da humanidade. Os antigos potentados deste mundo são fracos; os tiranos, religiosos e políticos, estão em declínio; e das ruínas do velho mundo o novo será construído. É para isso que o Espiritualismo nasceu, é para isso que a sua missão foi organizada; é para a inspiração de todos os homens que os médiuns, os escritores, os curadores, os oradores têm trabalhado.

Quando a alma do homem dormiu longamente na noite escura deste mundo, os agentes do Espírito não descansaram. Longa e tardiamente trabalharam para que o nosso fardo fosse aliviado. Não foram eles que fizeram os bairros de lata, que inventaram os credos que produzem bairros de lata da mente; não foram eles que decretaram a pobreza para muitos e o privilégio para poucos. Eles são os ajudadores de todos os homens e de todos os movimentos que procuram erguer o fardo que é nossa sorte comum. Desejam ardentemente um mundo mais novo e melhor porque sabem por

experiência que a persistência do velho significa desastre universal, e a desaparição não só do mau, mas também de todo o bem duramente conquistado com ele.

Para esse propósito, então, este Espiritualismo foi trazido à existência. E o Espiritualismo permanecerá e crescerá até que a sua influência tenha tão elevado e refinado a consciência humana que a morte perderá o seu medo e o medo perderá a sua presa na mente; até que o coração humano bata na segurança do conhecimento de que para além desta vida há uma vida maior para a qual esta é apenas uma preparação. Mas viver e permanecer sem propósito até ao dia da libertação seria cair no erro que amaldiçoou tantas civilizações antes. Somos livres para viver, e viver a vida plenamente em todos os seus planos e esferas. O propósito da nossa permanência aqui é evoluir o caráter para que possamos passar mais rapidamente para uma existência mais plena quando deixarmos de lado o corpo físico.

Esse é o princípio. O fim glorioso nenhum homem pode ver. Há trabalho suficiente à mão de cada um para exaurir todas as nossas energias em todas as nossas vidas. Comecemos com o exemplo diante de nós de um médium que é leal à sua tarefa, pois só pela lealdade podemos alcançar este dever religioso de espalhar uma verdade que pode, com o tempo, libertar todos os homens dos seus medos e carências. O trabalho que um homem pode fazer é pouco, mas quando o poder do Espírito lhe é acrescentado, o aumento é cem vezes maior.

Leah é um médium fiel; há muitos, e à medida que o século do nosso empenho se aproxima, haverá muitos mais, e em breve o mundo saberá que a grande verdade que começou como uma pequena semente cresceu até se tornar um carvalho poderoso.